

Carolina Ruhman Sandler • Samy Dana

Finanças femininas

Como organizar suas contas,
aprender a investir e realizar seus sonhos



©ADÃO

Benvirá

Carolina Ruhman Sandler • Samy Dana

Finanças femininas

Como organizar suas contas,
aprender a investir e realizar seus sonhos

Benvirá



Rua Henrique Schaumann, 270
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05413-010
PABX (11) 3613-3000

SAC

0800-0117875

De 2ª a 6ª , das 8h30 às 19h30

www.editorasaraiva.com.br/contato

Direção editorial Flávia Alves Bravin

Gerente editorial Rogério Eduardo Alves

Planejamento editorial Rita de Cássia S. Puoço

Editoras Debora Guterman
Gisele Folha Mós
Luiza Del Monaco
Paula Carvalho

Assistente editorial Lara Moreira Félix

Produtores editoriais Daniela Nogueira Secondo
Rosana Peroni Fazolari
William Rezende Paiva

Comunicação e produção digital Nathalia Setrini Luiz

Suporte editorial Juliana Bojczuk
Juliana Moura Lucena

Produção gráfica Liliane Cristina Gomes

Preparação ReCriar editorial

Revisão Laila Guilherme e
Augusto Iriarte

Ilustrações Adão Iturrusgarai

Diagramação Casa de Ideias

Capa Graziella Iacocca

Conversão eBook Hondana

ISBN 978-85-8240-177-4

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.**

Carolina Ruhman Sandler
Finanças femininas / Samy Dana, Carolina Ruhman Sandler. - São Paulo:
Benvirá, 2014. 160 p.

ISBN 978-85-8240-177-4

1. Finanças pessoais 2. Mulheres – Finanças pessoais
3. Investimentos 4. Educação financeira I. Título

14-0906

CDD 332.0240082
CDU 330.567.2-055.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Finanças pessoais - mulheres

Copyright © Carolina Ruhman Sandler, Samy Dana.

2015 Editora Saraiva

Todos os direitos reservados.

1ª edição

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

382.910.001.001

Para Luiz e Beatriz, meus grandes amores.

Carolina

*Para as mulheres da minha vida: minha mãe Marlene, minha
irmã Ilana e minha esposa Bárbara.*

Samy

Agradecimentos

À equipe do site Finanças Femininas, Karina Alves e Nara de Stéfani, por todo o trabalho para manter o site vivo e vibrante.

Às leitoras do site, que me acompanham no dia a dia e se apaixonaram, assim como eu, pelo tema.

Carol

Às jornalistas Adriana Matiuzo e Patrícia Basílio, pela leitura crítica e opiniões, e aos leitores e espectadores – bem como aos editores e suas equipes – dos veículos *Folha de S. Paulo*, *Você S/A*, *Exame*, Rádio Globo, Globo News e Rede Globo.

À toda equipe do programa *Mais Você*, da Rede Globo, por ter me aproximado dos temas femininos e pelas oportunidades. Em especial à Ana Maria Braga, ao Louro José (Tom Veiga), à diretora Vivi de Marco, aos repórteres Fabricio Battaglini, Nádia Bochi e Rafa Brittes. Aos queridos editores e produtores Adriana Assis, Andrea Stefaneli, Denise Correa, Ligia Bedini, Malice Capozoli, Olivier Micarelli, Patrícia Fazan e a Tuca Scalamandrê.

Samy

Às nossas editoras na Saraiva, Débora Guterman e Gisele Mós, por apostarem na ideia e produzirem esta obra com tanto carinho – esperamos que seja a primeira de muitas da nossa parceria.

Às nossas famílias, que aceitaram ficar sem nossa merecida atenção enquanto escrevíamos este livro.

Carol e Samy

Sumário

INTRODUÇÃO

PARTE 1 – ORGANIZE AS SUAS CONTAS E APRENDA A JUNTAR DINHEIRO E A INVESTIR

- 1** | Como lidar com a impulsividade e o consumismo
- 2** | Aprenda a negociar e evite armadilhas
- 3** | O que a balança tem a ver com a fatura do cartão de crédito
- 4** | A importância de ter metas e como usá-las a seu favor
- 5** | Aprenda a investir o seu dinheiro
 - Caderneta de poupança
 - CDB
 - LCI e LCA
 - Tesouro Direto
 - Fundos de investimento
 - Fundos de previdência
 - Comparação entre os tipos de aplicação
 - Se você tem até R\$ 100 para investir
 - Se você tem até R\$ 1.000 para investir
 - Se você tem até R\$ 5.000 para investir
 - Se você tem mais de R\$ 5.000 para investir

Em todos os casos

PARTE 2 – REALIZE OS SEUS SONHOS

6 | Sair de casa

Localização
Alimentação
Limpeza
Lazer
Para casais
E agora?

7 | Ter o próprio negócio

Monte o seu plano de negócios
Tenha uma reserva financeira
Não se esqueça do capital de giro
Tudo o que você queria saber sobre franquias
Montar um negócio do zero
Onde consigo capital para o meu negócio?
Montei a minha empresa. E agora?

8 | Casar

O vestido
A decoração
Como pagar tudo

9 | Ter filhos

Pré-natal
Custo fixo do bebê

10 | Comprar um carro

Carro usado vale a pena?

11 | Comprar uma casa

Introdução

Todo livro de finanças parte do mesmo princípio: somos seres racionais, que pesam as consequências de seus atos antes de tomar qualquer decisão. Mas, se é assim, por que existe gente que não consegue evitar repetir a sobremesa, deixa a dieta sempre para a próxima segunda-feira e não resiste ao impulso de comprar mais um vestido preto?

De olho nesse cenário, nosso desejo foi escrever um livro para pessoas reais, que têm sonhos, planos e dificuldades. Aqui vamos falar de consumismo e impulsividade, além de dar dicas de como construir uma vida financeira equilibrada e saudável.

Difícilmente você vai encontrar uma recomendação nossa de economizar um pouquinho por dia para poder realizar os seus sonhos em alguns anos. Nós sabemos que cortar o cafezinho da tarde ou a manicure da semana não é sustentável em longo prazo. Como toda mulher sabe, as dietas malucas de cortar todos os carboidratos não duram mais que alguns dias e deixam sequelas na mais controlada das pessoas: depois de tanto tempo de restrições, a tendência é se jogar nos pães e doces assim que surge uma brecha.

Com as nossas finanças, acontece o mesmo. Quem se anima demais com um projeto de controle de contas pode começar a economizar todos os centavos e anotar todos os gastos. No entanto, na primeira adversidade ou no primeiro dia de preguiça, todo o esforço vai por água abaixo.

Neste livro, não tentamos negar que todos temos nossas fraquezas; nós as assumimos e tentamos mostrar como lidar melhor

com elas, dando dicas práticas para você que quer construir um patrimônio e realizar os seus sonhos.

E por que nos dirigimos às mulheres? Acreditamos que elas têm uma necessidade específica: enfrentam determinadas situações e desafios em que um apoio nas finanças pode ser muito bem-vindo. Quer exemplos? Na maioria dos casos, é a mulher que faz a gestão dos gastos da festa do casamento. Também é ela que se prepara para poder engravidar.

Com o avanço da mulher no mercado de trabalho, ela vem conquistando cargos cada vez mais altos e salários maiores. Com isso, cria-se uma independência real – e o desejo de morar sozinha, abrir um negócio ou comprar a casa própria.

Além disso, a mulher possui um papel importantíssimo nas finanças: ser multiplicadora. Ao conhecer as ferramentas para cuidar melhor das suas contas, ela pode ensinar aos seus filhos o valor do dinheiro e cuidar do orçamento da família de uma forma muito mais consistente e habilidosa.

Por isso, na primeira parte do livro, você encontrará toda a base de que precisa para aprender a cuidar do seu orçamento, criar metas, estabelecer objetivos e ir atrás dos seus sonhos. Esses sonhos, por sua vez, são abordados na segunda parte, em capítulos específicos sobre sair da casa dos pais, casar, ter filhos, empreender, comprar um carro e uma casa.

Tomamos o cuidado de evitar cair em estereótipos do tipo: “mulher só gosta de fazer compras”, “mulher só compra sapato e bolsa” ou “mulher é um centro de custos”. A mulher que conhecemos gosta tanto de tecnologia, que gasta mais com o smartphone de última geração do que com produtos de beleza. Ela trabalha horrores, investe na carreira e divide as contas de casa. E, acima de tudo: quer se preparar para evitar as armadilhas pelo caminho e poder construir uma vida da qual se orgulhe.

Foi para essa mulher que escrevemos este livro: para quem quer sair da ciranda de consumo e endividamento, para quem quer ir atrás de um sonho, para quem quer ter uma vida financeira saudável. Esperamos que você encontre nele um aliado para

assumir, de fato, o controle das suas finanças – e poder usá-las a seu favor.



PARTE 1



**Organize as suas contas e aprenda a
juntar dinheiro e a investir**



CAPÍTULO 1

Como lidar com a impulsividade e o consumismo



O dia foi cheio, e Clarissa não via a hora de ir para casa. No escritório, passou horas trabalhando em um projeto urgente que depois ficou jogado sobre sua mesa. O chefe foi ótimo em pedir pressa para resolver o assunto, mas não pareceu muito preocupado quando ela lhe entregou a apresentação. E pensar que só almoçou uma saladinha na mesa para não atrasar. Que raiva!

Quando saiu, viu o trânsito infernal – nenhum ônibus ou mesmo táxi à vista. Estava de salto, mas resolveu voltar para casa a pé. Quem sabe assim não conseguiria dar uma relaxada? Ela não morava longe, afinal, e no caminho havia várias lojas e restaurantes, um passeio agradável que gostava de fazer nos dias em que tinha tempo.

Ao atravessar a rua, Clarissa se desequilibrou e quase levou um tombo. Não aconteceu nada com ela, mas o salto do sapato quebrou. Que dia! Olhou para a esquina e viu sua loja preferida com produtos em promoção. Parecia bom demais para ser verdade! Encontrou um par de sapatos pretos “lindoos” com um superdesconto: de R\$ 500 por R\$ 250. Ainda assim era caro, mas

um par de sapatos pretos é sempre um bom investimento, ainda mais pela metade do preço. Depois daquele dia horroroso, então, nem se fala: ela merecia. Parcelou em quatro vezes no cartão e voltou para casa sem ao menos pensar em quantos pares de sapatos pretos já tinha no armário...

Quem nunca se viu em uma situação como essa? Depois de um dia ruim no trabalho ou de uma briga com o namorado (ou marido), as mulheres ficam muito mais propensas a descontar a raiva, tristeza ou frustração em uma compra impulsiva ou em um pedaço de bolo no meio da dieta.

Para piorar o cenário, tudo parece conspirar contra o nosso bolso: promoções apetitosas, condições facilitadas de crédito, vitrines recheadas de roupas da última coleção. É muito fácil cair na armadilha e acabar comprando algo que não é necessário – e ainda ficar devendo no cartão de crédito.

Por exemplo, uma dívida de R\$ 1.000 no cartão, se não quitada, vira facilmente R\$ 3 mil em um ano, R\$ 9 mil em dois, R\$ 27 mil em três e ultrapassa R\$ 700 mil em seis anos! Não é à toa que a inadimplência nessa modalidade é recordista. Em geral, quanto mais fácil e imediata a modalidade de crédito, mais cara ela é.

O comércio, no geral, lança mão de vários truques para estimular as compras. Esses truques são pensados com base em diversos estudos de comportamento e usados justamente porque funcionam – eles nos fazem deixar nossa racionalidade de lado e cair na impulsividade. O primeiro deles é o do senso de urgência e o segundo, o dos descontos.

O melhor exemplo do que se entende por senso de urgência é a famosa Black Friday, a data anual de vendas (importada dos Estados Unidos) realizada na última sexta-feira de novembro, após o feriado de Ação de Graças.

Assim como lá fora, a Black Friday por aqui é recheada de descontos e se tornou uma ação popular, tanto nas grandes varejistas quanto no resto do comércio. A regra é uma só: as promoções valem apenas um dia. Com a limitação de tempo, o consumidor se vê pressionado a comprar logo. A ideia é causar a impressão de ter encontrado uma oportunidade imperdível com

descontos fabulosos – todos feitos para você comprar além do que precisa. Mas vale prestar atenção, pois em algumas lojas os descontos são maquiados, depois de uma alta nos preços, apenas para ser criada a ilusão de um preço baixo!

Se você está realmente precisando comprar uma geladeira para a casa nova, fez a pesquisa de preços, resolveu esperar a data para comprar com desconto e encontrou preços reduzidos, comprar na Black Friday pode ser uma boa estratégia.

Mas, se você resolveu comprar algo simplesmente porque o desconto parecia bom, veja bem: você caiu em uma armadilha que foi cuidadosamente pensada para fazê-la abrir a carteira...

Apesar de todo o destaque das compras na Black Friday, a estratégia é usada no ano inteiro. Ou vai dizer que você nunca ficou aflita por ouvir um vendedor dizendo que aquela blusa era a última do estoque? São truques como esses que fazem o consumidor não parar para pensar no que está fazendo e comprar por impulso.

Os descontos são outra estratégia muito usada pelos vendedores. Você olha para o novo modelo de smartphone com uma promoção incrível e passa a achar que é uma compra que vale a pena. Nem tem tempo de refletir se precisa mesmo de um novo celular ou se o seu ainda está bacana. É a história de Clarissa, que podia ter mandado consertar o salto do seu sapato em vez de comprar um novo.

Para completar o trio de armadilhas do comércio, há o parcelamento. Ao olhar uma televisão de R\$ 2 mil vendida em dez prestações de R\$ 200, muita gente se esquece de olhar para o valor final da compra e presta atenção apenas no valor da parcela, para ver se cabe no bolso.

Antes de optar pela compra a prazo, pergunte ao vendedor se há algum desconto à vista. Muitas vezes os juros são anunciados dessa forma, maquiados atrás do desconto para quem paga à vista. Diante da negativa do vendedor, é recomendado fazer uma busca pelo mesmo produto na internet ou em diversas lojas físicas. Por exemplo, esse televisor que está sendo anunciado por R\$ 2 mil em dez vezes sem juros pode ser, muitas vezes, comprado por R\$ 1.500

à vista em um concorrente. A conclusão? Aquele primeiro preço “sem juros” embutia R\$ 500 de juros.

A sensação é de que, com o parcelamento, você consegue levar para casa um bem que, de outra forma, seria complicado adquirir. Mas o que muita gente não percebe é que se assumiu uma dívida por algo que não era necessário. E, quando as parcelas vão se juntando, muitas vezes você acaba entrando no rotativo do cartão.

Quando estamos tristes, a coisa piora ainda mais. Um estudo das universidades americanas de Harvard e Columbia concluiu que pessoas deprimidas têm maior dificuldade em lidar com seu dinheiro, com os exageros cometidos com o cartão de crédito, empréstimos e financiamentos. O estudo definiu o fenômeno como miopia da tristeza: passamos a ignorar os ganhos que teríamos no futuro em busca da satisfação imediata que aquela compra nos traz. É o famoso “eu mereço”: depois de um dia ruim, ficamos propensos a gastar mais; e fazemos isso como forma de recompensa pessoal.

Mas pare para pensar aqui: você merece o bolo, mas será que merece engordar? Você merece aquele sapato, mas será que merece também entrar no cheque especial e comprometer seu consumo futuro? Aí a coisa muda logo para o “ninguém merece!”.

O problema mora justamente na busca por recompensas instantâneas: ao procurarmos um prazer naquele momento, acabamos abrindo mão de algo no futuro. Aqueles R\$ 250 que Clarissa usou na compra do sapato novo poderiam ter sido poupados para uma meta de longo prazo que ela quisesse alcançar. Com um investimento mensal de R\$ 250 com um retorno de 0,42% ao mês acima da inflação^[1], ela conseguiria, em dez anos, juntar aproximadamente R\$ 39 mil (sem contar a inflação). Pode parecer algo pequeno economizar R\$ 250, mas, se o dinheiro for investido ao longo do tempo, pode trazer um impacto enorme na vida de uma pessoa.

A questão aqui é que não percebemos que toda escolha traz uma renúncia: a opção de gastar o dinheiro em mais um par de sapatos pretos elimina a possibilidade de Clarissa juntar aquele valor para dar entrada em um apartamento novo, por exemplo.

Mas escolher é sempre difícil, ainda mais quando a escolha é entre um prazer imediato e um prazer futuro. É o mesmo problema com o qual nos deparamos quando estamos em dieta: em um almoço com as amigas, uma decide pedir um brownie de sobremesa, “só para acompanhar o café”. Resistir é difícil! Nesse caso, a escolha é entre o doce agora e o próximo projeto verão. Com as nossas finanças, a questão é semelhante: o sapato agora ou a próxima viagem de férias (de preferência, à praia, para estrear o corpo novo depois de meses de dieta!).

No fundo, essa questão está totalmente relacionada com a forma como tomamos nossas decisões. É como resolver parar de fumar, começar uma dieta, ir à academia ou estudar para uma prova – sempre deixamos para a próxima segunda-feira, principalmente se abusamos no fim de semana ou tivemos um encontro indesejável com a balança que preferiríamos esquecer.. Quem nunca se jogou nos drinques e sobremesas no fim de semana e jurou, de pés juntos, que aquilo acabaria no começo da semana seguinte?

Mas esses compromissos que temos conosco sempre demoram a se tornar realidade. Diversos cientistas e pesquisadores – incluindo economistas – dedicam seu trabalho à análise do comportamento humano em relação às decisões que tomamos e frequentemente se deparam com a procrastinação, aquela famosa promessa de deixar tudo para amanhã.

Acreditamos que somos seres completamente racionais. No entanto, não é bem assim. Segundo uma pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), 85% dos entrevistados revelaram fazer compras sem pensar, e 47% admitiram que já compraram algo que nunca usaram. Isso é impulsividade pura! Como no caso de Clarissa: ela não parou para pensar quantos sapatos já tinha em casa, quanto gastaria para consertar o salto quebrado ou mesmo o que poderia fazer com aqueles R\$ 250.

O ser humano, como um bom tomador de decisões, deve sempre avaliar todas as ações futuras e ordená-las, para não perder o foco. Ou seja, antes de escolher comprar algo, você deve se perguntar se aquela opção é a que vai fazê-la mais feliz. Aqueles mesmos R\$ 250 poderiam ser usados em um sapato, um jantar especial a dois, uma

viagem de final de semana ou até mesmo ser investidos na aquisição de um patrimônio maior para o futuro. A pergunta a fazer é: a que você prefere renunciar? O problema nisso tudo é que, na maioria dos casos, o indivíduo acaba por dar um peso maior ao presente e ao futuro mais próximo, deixando de lado o mais distante.

VALE A PENA?

Quem nunca fugiu da dieta quando viu aquele brigadeiro no meio de uma tarde chuvosa, com o maior mau humor do mundo e um monte de prazos apertados para cumprir no trabalho? Quase não dá para evitar... O mesmo vale para aquelas comprinhas por impulso. Então, antes de dizer "eu mereço" e sair comprando tudo o que der na telha, vale a pena se perguntar:

- Eu mereço gastar meu suado dinheiro com besteiras?
- Eu mereço cair no cheque especial por uma roupa que mal vou usar?
- Eu mereço trocar aquele sonho (a pós-graduação, o negócio próprio, a aposentadoria tranquila) por mais bolsas e mais sapatos?

Isso explica como nosso cérebro funciona. Nós percebemos os efeitos positivos ou negativos de forma mais acentuada em períodos mais próximos do presente, e nosso cérebro não está acostumado a analisar esses fatores para o futuro distante. Na hora de fazer uma escolha, nosso cérebro fica entre a satisfação presente e a futura. Para exemplificar, vamos pensar no eu-presente, como a Clarissa que quis comprar o sapato novo quando o salto quebrou e no eu-futuro, como a Clarissa que preferiu guardar o dinheiro para gastar com algo mais importante em outro dia.

No momento de fazer escolhas, o eu-presente acaba ganhando a maioria das disputas: toma para si as decisões de lazer e entretenimento, deixando para o coitado do eu-futuro as decisões de

trabalho, esforço e renúncias. Isso explica, por exemplo, por que, apesar de ter decidido começar um regime, você come um chocolate no dia (eu-presente) e inicia a dieta na segunda-feira (eu-futuro).

Você se identificou? Pois muito provavelmente repete esse hábito com suas finanças, ou você não está sempre mais disposta a gastar no presente e obter satisfação imediata do que poupar, obter rendimentos e aproveitar melhor o futuro?

É o tal do “antes tarde do que nunca”. Acabamos optando sempre por gastar hoje em vez de poupar pensando no futuro. O eu-presente quer a satisfação imediata por meio de tudo o que o dinheiro pode comprar, ao passo que o eu-futuro prefere poupar esse dinheiro, vê-lo render juros e aproveitá-lo mais tarde, quando for comprar uma casa, um carro, realizar um sonho de consumo, ou para quando estiver aposentado. Mas faz parte do instinto humano buscar satisfazer os nossos impulsos, gastando tudo, mesmo que isso implique dívidas irresponsáveis – ou seja, sem a devida preocupação com o próprio bem-estar no futuro.

Isso quer dizer que todas as mulheres estão condenadas a não ter nunca um dinheirinho guardado para o futuro? De forma alguma. A solução aqui se chama autodisciplina, e nós vamos explicar por que ela é tão importante.

Em uma famosa experiência realizada no final dos anos 1960 e repetida diversas vezes depois, pesquisadores reuniram crianças de 4 anos para avaliar a capacidade delas de adiar uma gratificação. Cada criança era levada a uma sala, onde um monitor lhe dava um marshmallow. Ele explicava que iria sair por um tempo e que, se ela soubesse esperar para comer o doce até o seu retorno, ganharia mais um. As crianças, então, eram deixadas sozinhas em uma sala por 15 minutos. Se elas fossem capazes de resistir à tentação, ganhavam uma recompensa.

A maioria, nem precisamos dizer, comeu o doce assim que o monitor saiu da sala, ou seja, priorizou o prazer presente no lugar de uma satisfação maior no futuro. Mas algumas crianças esperaram para ganhar um segundo marshmallow, graças à autodisciplina.

Pesquisadores acompanharam o desenvolvimento das crianças participantes do estudo anos depois e descobriram que quem

conseguiu controlar a ansiedade para ganhar um segundo doce obtinha notas melhores na escola. Ou seja: quem soube usar a disciplina a seu favor se deu melhor em outras áreas da vida.

E o que essas crianças e seus marshmallows têm a ver com o nosso dinheiro? Tudo, pois, se aprendemos a ter disciplina, podemos começar uma poupança para buscarmos sonhos maiores.

A autodisciplina é o único remédio que pode ajudar o eu-futuro na sua luta contra o eu-presente. Aprender a renunciar aos prazeres imediatos é uma habilidade que só pode ser obtida com o exercício diário. E como fazer isso? Uma das formas é manter sempre em mente que não ser impulsivo e fazer mais uma compra desnecessária pode aumentar muito o prazer no decorrer da vida.

Você pode achar que a vida fica sem graça com tantas renúncias, mas nós não estamos falando de parar de consumir e viver apenas com o necessário para a subsistência. De forma alguma! Queremos deixar claro que não somos contra o consumo nem estamos falando aqui de parar de comprar – a autora do livro tem uma queda fantástica por bolsas e por novos brinquedinhos eletrônicos, e o autor é fanático por música e instrumentos musicais.

Se comprar sapatos e mais sapatos a faz feliz, então vá em frente! Mas, de preferência, sem endividamento, com capacidade de satisfazer todas as suas necessidades e desejos não apenas no presente.

Dinheiro não é um fim (ninguém come dinheiro, dirige dinheiro, mora em dinheiro), mas um instrumento para transformar sonhos em planos. Se você faz apenas o que lhe dá na telha, tem poucas chances de construir algo valioso no futuro e de colocar em prática qualquer ideia que dependa de médio ou longo prazo. Mas, se você sabe o que quer, é muito mais fácil ter disciplina para fazer escolhas melhores hoje em benefício de um prazer futuro.

Trocando em miúdos: se você sabe para que quer poupar, tudo fica muito mais fácil. Então, pare e pense no que você quer: viagem de férias para o exterior todo ano? Casa própria? Trocar de carro quando bem entender? Sair finalmente da casa dos pais?

Dicas da **Carol** e do **Samy**

Além de sempre manter o senso crítico na hora de abrir a carteira, nós selecionamos algumas regrinhas que podem ajudá-la a segurar o consumismo na hora H:

- Não faça nenhuma compra acima de 10% do seu salário sem tirar um dia para refletir. Esse patamar pode ser maior ou menor; depende só de você. Mas a ideia aqui é se dar tempo para justamente evitar fazer uma besteira por impulso. Você amou aquela bolsa? Você não precisa dela agora. Vá para casa, pense nela, olhe as bolsas que você já tem e veja se, no dia seguinte, o desejo continua. Em muitos casos, a vontade de comprar desaparece sozinha.
- Evite o parcelamento. Se sua ideia é comprar um sapato novo, procure não parcelar a compra. O parcelamento sempre traz juros embutidos, e você acaba se endividando e ainda paga mais caro. Prefira juntar o dinheiro necessário e pague à vista, a fim de garantir um desconto e não ter dor de cabeça no futuro. O parcelamento só vale se o preço financiado for o mesmo. Vale ressaltar que o preço à vista a que estamos nos referindo é o menor para comprar algo em qualquer loja, e não apenas naquela que está oferecendo a modalidade a prazo.
- Prove tudo antes de comprar. No caso de roupas, essa regra é um clássico. Aquela jaqueta de couro pode parecer linda na vitrine, mas não cai bem no seu corpo por um motivo ou outro. Pergunte-se o que realmente vai usar. Isso porque boa parte dos itens que compramos acaba não sendo usada.
- Você amou aquela calça e quer levar uma de cada cor? Não faça isso. Na hora, parece uma boa decisão, já que ela caiu tão bem em você. Mas depois você percebe que está sempre com a mesma cara, de

tanto usar aquela modelagem, e acaba saindo em busca de mais uma calça...

NA PRÁTICA

Você adorou as nossas dicas e quer saber como levar a disciplina para a sua vida? Então, confira algumas medidas práticas:

- Mantenha hábitos saudáveis na sua vida. A disciplina é um músculo que exercitamos, e não algo com que nascemos ou não. Quem consegue manter uma alimentação equilibrada e praticar exercícios regularmente tem mais chances de ter também uma vida financeira saudável.
- Tenha sempre o seu objetivo bem definido. Você é daquelas que não pensa duas vezes antes de sacar o cartão de crédito? Então, anote o seu objetivo financeiro em um *post-it* e coloque-o dentro da carteira. Pode parecer bobagem, mas isso facilitará o autocontrole: toda vez que você abrir a carteira, vai lembrar exatamente por que merece poupar.

CAPÍTULO 2

Aprenda a negociar e evite armadilhas



Existem casos que não dependem de disciplina nem de autocontrole. E então, como fica? Como lidar com todos aqueles gastos que é preciso fazer, todas as contas que teimam em chegar e as cartinhas de amor da fatura do cartão de crédito?

Há algumas ferramentas práticas que podem ajudá-la a lidar melhor com todas as suas despesas, não ser presa fácil das armadilhas do consumismo e conseguir negociar o melhor valor nas suas compras. Tudo isso vai prepará-la para o próximo passo: a criação de um orçamento.

Mas, antes de pensar nos gastos, que tal pensar nos valores das coisas? Você sabe como se define um preço? Será que existe um preço justo para cada item? Por que uma bolsa do camelô é tão mais barata que uma bolsa de marca, por exemplo?

Na teoria econômica, o preço de determinado produto é o resultado do que chamamos de lei da oferta e da demanda. Na vida real, no entanto, estamos longe de ter uma economia com concorrência perfeita ou repleta apenas de produtos idênticos, as chamadas *commodities*. A bolsa do camelô e a bolsa de marca têm a mesma utilidade, mas esta última traz alguns benefícios que a

outra não traz – seja a qualidade do material, os cortes e os tecidos da moda e até a marca em si, que confere status a quem a tem.

Esses fatores ajudam a explicar a diferença de preços. Mas de que forma nos convencemos a pagar um valor tão superior em um produto de marca, e não em um genérico? Aqui entra em jogo a teoria da ancoragem.

Desenvolvida em 1974 pelos psicólogos Amos Tversky e Daniel Kahneman (vencedor do Prêmio Nobel), a teoria afirma que o ser humano tem diversas habilidades, mas definir quanto deveria custar um produto não é uma delas, pois não tem a capacidade de discernir se um preço é justo ou não.

Assim, como saber se R\$ 20 é o preço certo para uma blusa comum e R\$ 200 para uma blusa de marca? Lojas e vendedores em geral costumam usar âncoras de preço, que nos levam a perceber o preço dado como algo justo – e nos induzem, dessa forma, a abrir a carteira.

Para visualizar melhor a situação, imagine que combinou um cinema e depois um jantar com o namorado ou as amigas. O balde pequeno de pipoca custa R\$ 8; o médio, R\$ 10; e o grande, R\$ 11. Com a diferença pequena entre os preços, a probabilidade diz que você vai optar pelo balde grande, mesmo sem estar com tanta fome ou vontade – a ancoragem de preços levou-a a pensar que o grande valia a pena. A precificação da pipoca nada mais é, portanto, que uma jogada de marketing para fazê-la comprar algo de que você não precisa.

A ancoragem funciona, então, da seguinte forma: ao escolher a pipoca grande, você se acostuma com essa decisão. Você passa a achar que o melhor, ao ir ao cinema, é sempre pedir o maior balde, e a decisão se torna um hábito. Se à primeira vista pagar R\$ 11 por um balde de pipoca parecia um exagero, logo você se habitua a pagar tanto – e esquece que milho processado para pipoca custa menos que R\$ 2 no supermercado.

VALE A PENA?

Há um pensamento corrente de que o que é mais caro é melhor, mas, como já mostramos, nem sempre isso é verdade. Muita gente se guia dessa forma, desde a escolha do vinho mais caro (ou de um dos mais caros) no restaurante até a compra de uma roupa de marca.

No entanto, os preços são definidos muito mais por quanto alguém está disposto a pagar pelo produto do que pelo valor intrínseco a ele. Pense nos vendedores de guarda-chuva no trânsito: eles podem subir tranquilamente os preços nos dias de temporal, pois quem foi pego desprevenido estará disposto a pagar R\$ 50 por um guarda-chuva que não vale nem a metade.

Procure ter sempre isso em mente (e não se esqueça de levar um guarda-chuva na bolsa!).

Ou seja: ao ver um preço “ancorado”, somos levados a perceber um preço alto como justo e passamos a tomar a decisão com base apenas no preço que o próprio vendedor deu! Parece surreal, não?

Agora, veja esta situação: uma famosa marca de lingerie americana costuma fazer desfiles repletos de *top models*. A principal modelo do evento usa sempre uma peça avaliada na casa das dezenas de milhões de dólares. Como assim, um sutiã de US\$ 10 milhões – isso existe? Existe, sim, mas, agora que você entendeu como funciona a ancoragem, compreende que esse sutiã só existe para fazer que as peças de US\$ 50 à venda nas lojas pareçam baratas e acessíveis.

Um vendedor pode se valer da ancoragem ao mostrar ao consumidor primeiro o produto mais caro, mesmo que já tenha determinado que aquele consumidor irá comprar a versão mais barata (do carro, do celular, não importa). O vendedor faz isso não para gastar o tempo dele e do cliente, mas para ancorar o preço mais alto e deixá-lo mais propenso a comprar o “mais barato”.

Então, como podemos escapar dessas armadilhas? Para começar, compreendendo a técnica da ancoragem. Nesse sentido, você começa a entender por que perguntar para o vendedor se o produto é bom não é a melhor estratégia. O mesmo vale para perguntas

como “você acha mesmo que fiquei bem nesta saia?” para a vendedora da loja ou “qual é o melhor investimento?” para o gerente do banco.

Mas como você vai encontrar o preço justo para as suas compras? O mais fácil é começar pesquisando. Ferramentas como o site Buscapé estão aí justamente para ajudá-la a saber quanto pode custar uma televisão ou um celular, por exemplo. Munida das informações necessárias, você pode chegar à loja e pedir a melhor oferta para o vendedor. Se o preço que ele oferecer for superior ao que você tiver encontrado na internet, fale para ele. A probabilidade de conseguir um desconto maior nessa hora é enorme.

Se o que você está comprando são serviços, vale a pena ficar atenta a sites de avaliações, como o Reclame Aqui. Lá, você consegue pesquisar se o serviço prestado por esta ou aquela operadora de celular, por exemplo, faz jus aos preços cobrados.

Com produtos de marca, a questão é um pouco mais delicada, pois entra em jogo a subjetividade. Existe uma percepção generalizada de que, quanto mais caro for um produto, melhor ele será. Mas será que isso é realmente verdade?

Para tentar resolver essa questão, o pesquisador Charles Spence, da Universidade de Oxford, realizou um teste cego com enólogos. O resultado foi surpreendente: os especialistas preferiram um champanhe que custava US\$ 63 a outras opções que chegavam a custar US\$ 653.

Mas isso é muito subjetivo. Pense nas festas de casamento. Se o pai da noiva for bancar a festa, ele não vai querer dar tudo o que puder para a filha? Quanto ele vai gastar fica associado a quanto ele quer que o relacionamento dos noivos dê certo – e, com isso, o valor das coisas materiais acaba se misturando com o amor que o pai sente pela filha. Por isso, precisamos sempre ter muita cautela na hora de tomar decisões de compra. Das pequenas, como um sapato, às grandes, como um apartamento.

Além da pesquisa, existe uma técnica que pode ajudá-la bastante e que é muito pouco utilizada: a negociação. “Ah, mas como vou fazer isso?”, você deve estar se perguntando. Muita gente não negocia por medo ou vergonha, porém você vai precisar superar

essas dificuldades se quiser conseguir o melhor valor. E ninguém nasce sabendo negociar: para aprender, você precisa começar a praticar.

O primeiro passo para ser uma boa negociadora é pesquisar preços e formas de pagamento. Isso vale para a compra tanto de uma geladeira quanto de um carro – você precisa identificar os menores preços disponíveis e as melhores condições de compra. Uma estratégia útil é separar informações reais dadas pelo vendedor de tentativas de influenciar a sua decisão. Frases como “até durarem os estoques” são feitas justamente para tentar convencê-la a fazer a compra sem pensar muito. Em vez disso, procure se concentrar nas informações reais que o vendedor dá sobre o valor do item que você quer comprar.

Vamos supor que você esteja querendo comprar um celular. Seguindo as nossas dicas, você deverá fazer uma busca de preços na internet e ligar tanto para a sua operadora (para ver quantos créditos você tem) quanto para as concorrentes (para ver que tipo de oferta elas dariam para você fazer a portabilidade). Com os valores em mãos, está na hora de barganhar. “Quem não arrisca não petisca.”

Na maioria das vezes, o vendedor não vai desistir de vender para você. Por isso, não tenha medo e diga o seu preço. Sua oferta pode até estar abaixo do valor de mercado, para você ter espaço de subir o preço na negociação.

Para dar força à sua oferta, justifique-a. Destaque que encontrou produto similar com um preço menor em outra loja ou explique o seu raciocínio para chegar àquele valor. Estudos mostram que ter uma justificativa na hora de fazer uma oferta diminui a chance de o outro lado descartá-la.[1]

Há ainda alguns tipos de compra que podem se beneficiar do efeito calendário. Um exemplo são as concessionárias: os vendedores possuem metas de vendas e, ao fim do mês ou do trimestre, costumam estar pressionados para atingi-las. Para conseguir um bom negócio, aproveite para negociar perto da virada do mês ou do trimestre – o vendedor pode estar inclinado a oferecer uma boa oportunidade para conseguir fechar a venda.

E não se esqueça de discutir a melhor forma de pagamento: você deve receber um desconto se optar pagar à vista. Caso o vendedor não ofereça desconto, suspeite: qualquer venda a prazo embute o pagamento de juros, pois o vendedor precisa ter alguma vantagem para vender o produto hoje e só receber o dinheiro depois. Seguindo essa lógica, o vendedor deve oferecer uma condição mais vantajosa para quem deseja pagar à vista – aqueles juros não precisam mais ser cobrados.

Por fim, vá com calma. Muita gente se sente desconfortável com o silêncio, e os vendedores sabem abusar disso para fazer que você fale quando não deve e piore a sua oferta. Por isso, na hora de dar o seu preço, respire fundo e espere o vendedor dar uma resposta. Se ficar ansiosa, pode acabar dando um tiro no próprio pé. Mas tome cuidado, pois uma negociação bem conduzida também pode ser uma armadilha. Ou você nunca comprou algo por achar que era uma superbarganha?

Imagine uma dessas feirinhas de praia que vendem brincos e outras bijuterias. Nesse tipo de ambiente, negociar faz parte da compra – quem não gosta de achar que conseguiu uma boa oportunidade com a barganha? Nesses lugares, uma pulseira que custa R\$ 80 pode facilmente sair por menos de R\$ 40 – e a compradora volta para casa feliz da vida, certa de ter feito um ótimo negócio.

Mas será que existem mesmo tantos bons negociantes, ou muitos compradores se iludem com falsos ganhos?

Um vendedor só dá um desconto quando o preço de tabela está acima do valor mínimo pelo qual o produto pode ser vendido – por que ele venderia algo por um preço abaixo do valor de custo? Considerando isso, é importante sempre lembrar que, se a pulseira saiu por R\$ 30, ainda assim o vendedor lucrou com ela – e tomar cuidado para não comprar apenas pela barganha e deixar na gaveta mais uma pulseira que você nunca usa.

Com tudo isso em mente, dá para garantir que você encontrará os melhores preços? Não necessariamente. Um estudo realizado pelo banco BTG Pactual revelou que o Brasil tem as roupas mais caras do mundo. De acordo com o levantamento, os preços no Brasil chegam

a ser 21,5% maiores em dólar do que os de roupas similares nos Estados Unidos. Mas por que a diferença é tão grande? Isso é explicado pelos impostos cobrados, tanto de importação quanto de comercialização, assim como pelo processo burocrático para trazer produtos importados ao país e pela dificuldade de achar fornecedores para produzir as roupas localmente.

O ponto aqui é ter clareza de quanto um produto vale e de quanto ele vale para você. Lembre-se: toda compra é uma escolha. A que você vai renunciar para poder fazer a próxima aquisição?

Dicas da **Carol e do Samy**

Para aprender a negociar, você precisa praticar. No começo, muita gente sente vergonha, mas lembre-se do ditado “dinheiro não aceita desaforo!” e confira algumas dicas boas para pegar o jeito de negociar:

- Não se empolgue com o primeiro desconto que o vendedor oferecer. Você não tem por que aceitar a proposta e cortar a negociação no meio!
- Não é porque o vendedor ofereceu um desconto que você tem de comprar. A história de encontrar “uma boa oportunidade” pode virar uma fria: você compra algo de que não precisa e gasta um dinheiro que poderia ser destinado a algo mais proveitoso.
- É claro que não é em todo ambiente que dá para barganhar, mas você sempre pode – e deve – questionar a forma de pagamento para encontrar aquela que seja melhor para você.
- E lembre-se: quem não arrisca não petisca. Se você não pesquisar preços, não vai encontrar ofertas melhores. Se não tiver coragem de barganhar, vai acabar pagando sempre a mais.

NA PRÁTICA

Esse assunto de ancoragem parece com aqueles exercícios de física do ensino médio, algo que você nunca vai usar na vida real? Se é isso que você pensa, pare e analise novamente. Comece a olhar ao seu redor e veja como tem muita gente "ancorando" seus preços para criar a sensação de que o negócio está barato. Ou você nunca viu?

- Pipoca a R\$ 10 no cinema?
- Algum produto que te fez perguntar "quem gasta dinheiro com esse tipo de coisa?", só para depois comprar a versão baratinha dele?
- Corretor de imóveis que insiste em querer lhe mostrar aquele apartamento que custa o dobro do que você quer gastar?

Então, comece a prestar atenção. Cada vez que você vir duas ofertas, uma ao lado da outra, existe uma grande chance de que a primeira oferta esteja lá só para fazer a segunda parecer barata.

CAPÍTULO 3

O que a balança tem a ver com a fatura do cartão de crédito



Não há como falar em orçamento sem antes mencionar o controle financeiro. E perguntamos: por que é tão difícil controlar as nossas despesas?

Imagine a seguinte cena: domingo à noite, você acabou de comer três pedaços de pizza com um refrigerante light e uma fatia de bolo de sobremesa. Isso sem contar a macarronada do almoço de família e a farra de sábado à noite com direito a vinho, entrada, prato principal e sobremesa. Qual é a probabilidade de você se pesar na segunda-feira para saber quanto está pesando? É mínima, convenhamos. E vamos ser honestos: quem nunca fugiu da balança? Muita gente faz o mesmo com a fatura do cartão de crédito para não ter de lidar com o gasto total do mês anterior. Mas faz alguma diferença saber ou não saber o nosso peso ou o tamanho do estrago no cartão?



Para compreender essa questão, precisamos falar de autoengano. Apesar de parecer paradoxal, está comprovado que temos a capacidade de nos enganar com relação a uma série de

questões: nossa inteligência, aparência e assim por diante. Mas isso tudo tem um custo alto. Ao evitar lidar com a realidade tal qual ela é, nos tornamos vulneráveis.

Segundo o economista Dan Ariely, autor do livro *The honest truth about dishonesty* (A verdade honesta sobre a desonestidade, em uma tradução livre), o autoengano nada mais é do que uma estratégia útil para acreditarmos nas histórias que contamos.

Você não vai deixar de engordar se parou de encarar a balança. No entanto, ao saber quanto pesa, você consegue sentir na pele se está confortável com aquele peso. Em caso negativo, tem ali mesmo o incentivo para começar a dieta e o plano de exercícios. Mas se você não sobe na balança, pode continuar acreditando que pode comer quantas batatas fritas quiser no jantar.

Nesse exemplo, o controle é feito por intermédio da balança: é ela que indica se estamos acima ou abaixo do peso ou no peso ideal. É como o termômetro que sinaliza febre. Nas finanças, é o orçamento que nos mostra se estamos equilibrados financeiramente ou se precisamos apertar o cinto com algumas despesas.

Quem sabe exatamente quanto gasta todo mês e como gasta esse dinheiro tem muito mais condições de decidir. Por exemplo, se pode ou não fazer uma viagem internacional do que aquela pessoa que foge da fatura, mas compra a passagem para Miami e a parcela em várias vezes, achando que o tamanho da parcela cabe no bolso e no seu estilo de vida.

De acordo com Ariely, o problema é o seguinte: quando seguimos um programa muito restrito de dieta (ou de controle financeiro), podemos chegar a um ponto em que ficamos simplesmente exaustos.

VALE A PENA?

Nosso método é como uma dieta financeira saudável para a sua vida. Da mesma forma que você se pergunta se uma sobremesa vale quanto pesa quando está de regime, você pode se questionar sobre seus gastos.

Não existe uma verdade universal. Tem gente que vai dar tudo por um brigadeiro de colher; há quem não troque a pizza de domingo (com chope, por favor!) por nada nesse mundo; outras pessoas vão preferir não ter nenhum exagero ao longo da semana, mas poder, sempre que quiserem, comer um chocalatinho sem culpa. O que funciona para a sua vizinha não vai funcionar para você.

Com isso, você pode escolher as suas prioridades e incluí-las no seu plano. A vida é feita de supérfluos – você não vai conseguir manter a dieta se nunca puder dar uma escapadinha. Mantendo a flexibilidade dentro do seu planejamento, as escapadas podem existir, e as chances de você jogar tudo para o alto diminuem bem. Por isso, a felicidade não pode sair do menu!

Ninguém aguenta seguir uma dieta que proíbe completamente os carboidratos, por exemplo. Em um momento de descuido, a primeira fatia de bolo de chocolate que aparecer na frente corre perigo. E a questão aqui é esta: na tentação, você dá uma garfada e, quando percebe que já quebrou a dieta, resolve aproveitar para devorar a fatia inteira – e ainda pedir calda extra.

O que aconteceu nessa situação? “Quando você já acabou com sua autoimagem de mulher em dieta, resolve acabar com a dieta por completo e aproveita ainda para curtir ao máximo sua autoimagem de mulher que não está de dieta”, explica Ariely. É como o ex-fumante que resolve dar só um trago no cigarro do amigo: a chance de haver uma recaída e voltar a fumar é enorme.

Assim como procuramos seguir alguns princípios alimentares básicos para manter uma vida saudável, devemos adotar alguns hábitos em relação ao nosso dinheiro. Todo mundo sabe que é recomendável evitar frituras, gorduras e açúcar em excesso; agora é hora de transpor isso para uma dieta financeira: fugir de parcelamentos, consumo impulsivo e compras desnecessárias.

Mas sabemos que, quando a dieta é restritiva demais, as chances de se jogar em um prato enorme de sobremesa na primeira ocasião em que estiver cansada, triste ou estressada é enorme. Por isso,

dietas linha-dura não costumam durar muito tempo. Um dia de detox até vai, mas ninguém aguenta um mês só à base de amêndoas e suco de abacaxi com couve.

O mesmo vale para a nossa vida financeira. Não dá para se empolgar e resolver que agora você vai economizar todo e cada centavo. Com isso, você teria de cortar o cafezinho da tarde que adora e as idas à manicure, por exemplo. Logo, você cansa e joga tudo para o alto: os hábitos financeiros saudáveis junto com todo o extremismo.

No mundo ideal, você precisaria anotar todos os seus gastos e registrá-los em uma planilha. É o mesmo princípio do relato alimentar, em que você deve anotar tudo o que come, refeição a refeição (até mesmo as extras). Mas aí estamos falando de um tipo ideal de pessoa, que temos certa dúvida de que exista...

Para termos uma vida financeira equilibrada e saudável, podemos tirar algumas lições das melhores dietas. As que funcionam de verdade são aquelas que lhe dão liberdade de escolher o melhor para você e funcionam separando grupos de alimentos (carboidratos, proteínas, fibras e afins) ou as que contam pontos (veja, por exemplo, os Vigilantes do Peso). Nossa ideia aqui é trazer algo similar para você, no plano financeiro.

Nada substitui fazer uma revisão dos seus gastos correntes, e existem centenas de opções de planilhas muito úteis para ajudá-la nessa tarefa. Comece analisando seus gastos atuais. Separe uma hora do seu dia para categorizar as despesas do seu último mês de acordo com o seu extrato do banco (aí está uma utilidade ótima para o internet banking!).

Gostamos muito da fórmula 50/30/20. Não entendeu? A ideia é separar os seus gastos: 50% da sua receita deve ser destinada aos seus custos fixos, tudo aquilo de que você precisa para viver. Nessa categoria, entram desde os gastos com moradia e transporte até celular, internet e escola dos filhos. Ou seja: metade do seu salário deve ser destinada a bancar a vida que você leva.

Na sequência, vêm os 30% para o lazer. Esses são os gastos supérfluos, aqueles que não são estritamente necessários, mas que nos trazem qualidade de vida e felicidade. Jantar fora, academia,

uma viagem de fim de semana, comprinhas... tudo isso deve entrar nessa categoria. Lembre-se de que não queremos trabalhar com extremismo; portanto, para manter uma dieta financeira saudável, podemos, sim, gastar com pequenos prazeres.

Por fim, os últimos 20% são destinados ao seu futuro. Eles são o caminho para você construir uma reserva financeira e montar o seu patrimônio. Aqui estamos falando de um fundo de emergência, de uma poupança (bem aplicada, por favor!), de um plano de aposentadoria, tudo aquilo que vai lhe permitir deitar a cabeça no travesseiro e dormir tranquila, sabendo que, aconteça o que acontecer, a sua vida estará garantida.

Essa fórmula é bacana porque reduz ao mínimo a quantidade de categorias para organizar o seu dinheiro, dando uma direção na hora de gastar com qualidade, sem exageros. Aqui não entra mais aquela história de "eu posso porque este gasto condiz com o meu estilo de vida", nem a ideia que você tem de você mesma (até porque já viu os perigos do autoengano). Agora você sabe exatamente quanto pode gastar com seu lazer e quanto precisa investir para o seu futuro.

Com tudo organizado, você vai conseguir identificar na hora onde estão os seus problemas: onde anda gastando mais do que deveria e onde consegue – ou deve – fazer cortes.

Daí em diante, manter a disciplina de anotar todos os gastos diariamente é pedir muito para muita gente. Por isso, existem algumas dicas que você pode seguir. Gasta muito com besteira? Entre cafezinho, manicure, uma compra de uma balinha aqui, uma pulseirinha ali, você acaba gastando um dinheiro que nem imaginava. Uma boa alternativa é a seguinte: calcule um valor mensal para essas besteirinhas e faça um saque. Coloque na carteira esse dinheiro, destinado unicamente para esse fim, e só use com as suas queridas besteiras. Assim, garantimos que você não vai ultrapassar o seu orçamento com coisas que não valem a pena.

Além disso, há um impacto psicológico no ato de tirar o dinheiro da carteira. Esse ato pode ser tão dolorido quanto perder uma nota na máquina de lavar, sabia? Segundo estudos, pagar em dinheiro tem um efeito mais concreto do que pagar no cartão de crédito ou,

pior ainda, fazer o pagamento on-line (nesta opção, muitas vezes você não precisa nem tirar o cartão da carteira!).

O desconforto de ver o dinheiro indo embora é tão forte que pode, até mesmo, ajudá-la a poupar. O ato de contar nota a nota traz um impacto psicológico que as outras formas de pagamento não trazem. Com o cartão, é só digitar a senha. A operação é tão simples que pode até passar despercebida, incentivando ainda mais o consumo.

Isso é o que os economistas comportamentais chamam de “a dor do pagamento”. Quer um bom exemplo para observar isso na prática? Digamos que você almoce uma vez por semana com um grupo de três colegas de trabalho. Se vocês combinarem que cada uma fica responsável pela refeição a cada dia, cada uma terá a sua chance de pagar um almoço por mês.

O valor gasto nessa situação seria idêntico caso vocês dividissem a conta sempre, mas a sua satisfação é bem maior aqui: você paga somente uma vez e nas outras três vezes volta para o escritório sem ter de colocar a mão no bolso. É por isso que existem aqueles hotéis “all inclusive”: você paga tudo adiantado e, chegando lá, não precisa se preocupar com dinheiro. Sua satisfação é maior do que se precisasse pagar por cada refeição ou drinque consumido!

Então, qual é a melhor forma de pagamento? Depende de qual é seu caso. Se você é uma mulher controlada financeiramente que nunca deixa de pagar a fatura do cartão inteirinha, ele pode ser um bom instrumento para você. Afinal, você consegue fazer compras a prazo e não pagar nada além por isso. E, dependendo do cartão, ainda ganha milhas ou pontos para trocar por outros benefícios.

No entanto, quem deixa uma parte da fatura para o mês seguinte, quem vive no rotativo ou, então, paga o mínimo possível só porque o banco deu essa opção deve fugir do cartão com todas as forças. Para você ter uma ideia, os juros cobrados no cartão anualmente podem chegar a 600% e giram em uma média de 200% ao ano. Você já viu alguma aplicação pagar isso? A caderneta de poupança paga hoje perto de 6% ao ano... Não é à toa que os bancos ficam ricos, mas você nunca viu ninguém enriquecer colocando dinheiro na poupança.

Agora, junte essa desorganização financeira com o estímulo psicológico de gastar no cartão de crédito... Se não houver um controle estrito das despesas, o sempre considerará que ainda dá para gastar mais um pouquinho naquele mês.

Por essas razões, o melhor a fazer é ter um acompanhamento periódico dos seus gastos. Como já dissemos, existem boas planilhas (ou mesmo aplicativos de celular) que a ajudam a fazer exatamente isso. O ideal é fazer esse acompanhamento uma vez por semana. É nesse momento que você senta para ver como estão as suas despesas, se houve algum gasto exagerado ou imprevisto. Com essas informações em mãos, você consegue calibrar melhor seus próximos gastos!

Outra dica importante: não faça isso sozinha. Quando não há ninguém para avaliar o nosso desempenho e nos cobrar, é muito mais fácil ter recaídas inconscientes e voltar a fugir da fatura do cartão. Peça o acompanhamento de uma pessoa querida: seu namorado, marido, mãe, pai. Saber que vai haver alguém além de você mesma olhando seu desempenho a ajuda a se manter na linha, com disciplina! Como em uma reeducação alimentar, assuma um compromisso sério em subir na balança, quer dizer, em acompanhar o seu extrato toda semana.

Na hora de começar um regime, você sobe na balança para ver qual é o seu peso (e o seu ponto de partida). Da mesma forma, ao decidir seguir uma postura financeira mais saudável, você precisa saber como está a sua conta bancária e qual é o tamanho do seu orçamento. Além de ajudá-la a ter clareza nesse momento, saber esses números mágicos pode ser mais um empurrão para a sua dieta financeira. Isso porque existe um desequilíbrio na forma como percebemos ganho ou perda.

Se você está em uma superdieta e descobre que perdeu quatro quilos, por exemplo, vai ficar muito feliz; porém, se ganhar um quilo, vai bater uma depressão daquelas. Então, por que não usar esse fenômeno, conhecido como aversão a perdas, a seu favor? Ele serve como um apoio, ao saber que, se você sair da linha, sofrerá mais.

Quando temos algo de que gostamos, tendemos a perceber seu valor como maior do que na verdade é. É como o ingresso difícil de

conseguir para um show: se alguém te pedisse para vender, você provavelmente colocaria um preço maior do que aquele pelo qual comprou. Ter o ingresso e perdê-lo seria muito mais doloroso do que jamais ter conseguido comprá-lo (independentemente do preço). O sentimento dessa perda seria muito mais intenso do que a alegria que você sentiu quando adquiriu o ingresso. Ou seja: damos mais peso para perdas do que para ganhos – um aumento de R\$ 100 no seu salário traz menos “emoção” do que uma perda do mesmo valor.

Ao pensar, portanto, em perder algo que amamos, sabemos que a nossa dor será proporcionalmente maior do que a alegria de conquistar algo que desejávamos. Por isso, conhecer a aversão a perdas pode incentivá-la a ter um comportamento financeiro mais regrado.

Dicas da **Carol** e do **Samy**

Nossa ideia aqui é ajudá-la a manter um controle orçamentário saudável e sustentável para a sua vida. Confira alguns truques que podem auxiliá-la a montar um projeto de longo prazo para sua vida:

- Fuja de extremismos! A proibição de gastos supérfluos só vai jogar contra você. No primeiro momento de tentação, a probabilidade de você não só gastar com o que não precisa como ainda desistir de todo o seu controle é grande.
- Tenha disciplina (alguma, pelo menos). Você não precisa anotar gasto a gasto, mas é essencial acompanhar a fatura do cartão, por exemplo. Fora que vai ser uma delícia ver as contas diminuírem aos poucos e o seu patrimônio crescer!
- Para segurar os gastos com besteirinhas (que não devem fugir daqueles 30%), calcule um valor mensal para elas e faça um saque no banco. Deixe esse dinheiro na carteira; ele será o seu único meio de pagamento para esse tipo de despesa. Quando acabar, acabou!

Essa é uma ótima maneira de não exagerar em gastos desnecessários, mas sem tirá-los totalmente da sua vida.

NA PRÁTICA

Com tudo isso em mãos, é hora de trabalhar o seu autocontrole. Como fazer isso? Siga o nosso passo a passo.

- Revise as suas despesas dos últimos meses para saber como você anda gastando. Para isso, você pode usar o aplicativo do site Finanças Femininas (<<http://www.financasfemininas.com.br/>>), versão web ou para celular.
- Com base em suas descobertas, é hora de organizar o seu orçamento! Procure equilibrar os seus gastos de forma que 50% da sua receita sirva para cobrir os seus custos fixos, 30%, os supérfluos, e 20% seja destinada aos seus investimentos.
- Calcule qual será a sua verba e veja onde dá para cortar gastos de forma sustentável. Agora, sim, você pode traçar um plano para ter uma vida financeira saudável!

CAPÍTULO 4

A importância de ter metas e como usá-las a seu favor



Se toda escolha é uma renúncia, então como tomar as decisões certas? Há momentos em que merecemos mesmo aquela fatia de bolo e outros em que o melhor é ficar só na vontade, para podermos entrar na calça jeans sem precisarmos prender a respiração. Mas existe alguma maneira de saber quando ceder aos prazeres de curtíssimo prazo e quando deixar a satisfação momentânea de lado em benefício dos sonhos futuros?

Nós temos uma ferramenta para ajudá-la a tomar decisões como essa sem tanta dificuldade ou drama. Assim como é mais fácil manter o regime nos meses que antecedem o verão, e não pela simples vontade de fechar a boca (se é que isso existe!), é bem mais provável que você consiga evitar uma compra por impulso se tiver um plano específico do que apenas pela intenção (por melhor que ela seja) de ter uma vida mais equilibrada financeiramente. A ferramenta são as famosas metas.

Não estamos falando que o equilíbrio financeiro não é um objetivo por si só, mas reconhecemos que a maior parte das pessoas tem muita dificuldade de evitar todos os hábitos financeiros ruins

quando não possui muita clareza do motivo pelo qual está fazendo todo aquele esforço.

Em poucas palavras, ter metas é fundamental. Um plano definido do que você quer fazer com todo o dinheiro que vem poupando é o que vai impedi-la de gastar desnecessariamente e jogar todo o seu esforço por água abaixo. No caso das dietas, saber que você precisa entrar no vestido para o casamento da melhor amiga é um grande motivador para pular a sobremesa e fazer mais exercícios. Quando não temos um objetivo claro, ficamos muito mais vulneráveis a cair nas armadilhas das indulgências.

Veja só: as dietas mais populares são justamente aquelas que prometem cortar tantos quilos em tantos dias. As pessoas gostam de imediatismo, de ter uma data para ver o resultado. Se houvesse um plano financeiro simples, do tipo "junte R\$ 100 mil em 100 dias" (e que funcionasse!), temos certeza de que seria um sucesso absoluto.

Mas por que as mulheres se comportam dessa forma? Deixar de ter um prazer, seja o de comer um doce delicioso, seja o de comprar uma roupa nova para aquela festa que está chegando, é interpretado pelo nosso cérebro como uma dor. E ninguém gosta de sofrer por sofrer, não é mesmo? Por isso, quando temos um objetivo (o projeto verão ou a casa nova), fica mais fácil "aceitar" aquele sofrimento.

No entanto, estabelecer apenas metas de longuíssimo prazo, como economizar para a aposentadoria, é muito difícil. E como fica o carro novo? As viagens que você quer fazer? A casa que quer comprar? Se olharmos só para o futuro distante, é quase impossível manter a disciplina de segurar a rédea dos gastos o tempo todo.

Por isso, nossa ideia é que você estabeleça os seus objetivos no decorrer do tempo. Você pode ter uma meta de curto prazo (em um horizonte menor que um ano), como uma viagem de férias, uma bolsa especial, um eletroeletrônico, por exemplo. Depois, uma meta de curto/médio prazo (de um a cinco anos), como um carro, uma pós-graduação ou uma viagem mais longa. Já na meta de médio/longo prazo (de cinco a dez anos), pense no plano da casa própria ou em um carro de luxo. Por fim, como meta de longo prazo (mais que dez anos), uma aposentadoria tranquila.

Mas veja bem: não dá para ter tudo. Você precisaria de uma renda enorme para poder fazer compras sempre que quiser, viajar para fora todo ano, ter a casa e o carro dos sonhos e ainda não ter de se preocupar com o seu futuro. Entretanto, isso não quer dizer que não dá para conquistar o que deseja: você apenas vai ter de priorizar o que realmente importa e ir atrás. Não precisa ser tudo para agora; conte com o tempo a seu favor.

Além disso, não olhe só para o longo prazo, ou vai sentir apenas a dor das renúncias a tudo o que quer consumir e não pode. Dessa maneira, você não vai sentir nenhum prazer. Como já dissemos, a vida é feita de supérfluos, e eles devem estar incluídos no seu plano – são aqueles 30% da sua renda. Agora, é hora de escolher para onde vão os 20% que você conseguiu guardar para o seu futuro.

E não precisa ser um futuro longínquo. Todos precisamos de estímulos positivos, a curto prazo, que nos ajudem a manter a disciplina de guardar sempre uma parte do dinheiro. Há aqui outra vantagem em se adotarem metas: só o fato de imaginar o que você deseja já a ajuda a chegar lá, sabia? Pergunte-se onde você quer estar daqui a cinco anos, visualize o emprego dos sonhos ou a família linda – isso será um impulso a mais para que você siga firme nos seus objetivos.

Muita gente usa um estímulo visual como apoio. Como assim? Simples: defina as suas metas, crie um quadro com imagens que ilustrem os seus sonhos e pendure-o no seu quarto ou escritório. Vale um fundo de tela no computador ou no celular da viagem para Roma que você quer tanto fazer, um *post-it* grudado no seu cartão de crédito para lembrar-se do carro dos seus sonhos, uma foto do prédio onde você gostaria de morar no espelho do banheiro. Ou seja, o que funcionar para lembrá-la aonde quer chegar e para reforçar que o seu sonho pode ser um plano concreto, caso você tenha a disciplina de poupar.

Outro hábito que pode ajudar é anotar todas as semanas (ou meses) em que você conseguiu poupar quanto precisava. Sabe aqueles filmes em que a personagem está na prisão e vai anotando cada dia que passa até a liberdade? Então, por que não fazer isso para celebrar toda semana em que você conseguiu guardar o

dinheiro a que se propôs no período? Quando perceber, o ato de marcar uma semana poupadora vira uma comemoração, um ritual na sua rotina, e não marcar nada se transforma em sinônimo de um fracasso do qual você vai querer fugir a qualquer custo...

VALE A PENA?

Quando estamos definindo as nossas metas, precisamos ver exatamente quais são as nossas prioridades para a vida. Toda escolha é uma renúncia, e nunca dá para ter tudo; mas, se você definir exatamente o que importa para você, com disciplina e foco, temos certeza de que chegará lá.

Uma vez que seus objetivos estão claros, torna-se muito mais fácil descobrir se determinada compra ou gasto vale a pena e se eles condizem com o que você quer para sua vida.

Esses gestos podem parecer pequenos, mas eles, de fato, podem influenciar – e muito – na conquista da disciplina. Nosso cérebro está em um dilema constante, dividido entre o nosso “anjinho” (aquele lado racional, que está disposto a sacrificar o prazer momentâneo pelo futuro seguro) e o nosso “diabinho” (a parte emocional, instintiva e imediatista, que quer tudo para agora e vive falando “eu mereço!”).

Para termos uma vida financeira saudável ao longo do tempo, precisamos encontrar formas de compensar o nosso “diabinho”. Para isso, é útil criar mecanismos de recompensa a curto prazo. Essa dica, para funcionar, tem de estar em sintonia com o que importa para você (então, não existe uma solução universal). Mas todo mundo sabe qual é a recompensa de curto prazo que pode encaixar na sua vida para manter o seu “diabinho” sob controle e, ainda assim, conseguir olhar para a frente.

Se você está de dieta, é comer somente um bombom a cada dois dias, por exemplo, ou se permitir comer mais à vontade no fim de

semana. Nas suas finanças, existem milhares de opções: manter hábitos gostosos, como tomar um cafezinho no meio da tarde, ir à manicure toda semana, separar um orçamento para suas comprinhas ou mesmo fazer a matrícula naquela superacademia ao lado da sua casa (mas só se for frequentá-la mesmo!).

Essas são apenas sugestões para manter o seu “diabinho” satisfeito e não se esquecer de guardar dinheiro para o que realmente importa na vida. Ao usarmos técnicas como essas, conseguimos reconhecer que nem sempre somos tão racionais e lógicos como gostaríamos de ser.

Na teoria econômica, esse ser humano perfeito é o *Homo economicus*, um ser sempre informado que só toma decisões após ponderar todas as consequências, no presente e no futuro. O *Homo economicus* sobreviveria a uma visita a um *outlet* sem um único arranhão (na conta bancária) e nunca, jamais, de forma alguma compraria algo somente por achar que merece.

Será que há um ser assim neste mundo em que tantas pessoas reconhecem fazer compras por impulso e adquirir itens que muitas vezes acabam nem usando? Por isso, entra aqui a base da economia comportamental, que reconhece que nossas decisões sempre são acompanhadas de um lado subjetivo, impossível de medir e difícil de controlar.

Portanto, reserve um tempo para refletir sobre suas metas pessoais e ver o que você quer para a sua vida. Tenha foco. Para alcançar os seus sonhos, você vai precisar usar aqueles 20% do orçamento destinados aos seus investimentos futuros. Veja exatamente quanto custam os seus sonhos para entender quanto dinheiro vai precisar poupar.

Mas como organizar tudo isso direito? Como poupar e evitar usar o cartão ao ver o primeiro “liquida” na sua frente?

Antes de tudo, saiba de uma coisa: só pode poupar quem não possui dívidas. Se você está no vermelho, a sua meta mais urgente deve ser quitar todos os seus débitos e empréstimos. Já ouvimos muitos casos de pessoas que tinham um patrimônio guardado para alcançar um sonho e não queriam gastá-lo para zerar uma dívida.

No entanto, os juros cobrados nas várias modalidades de empréstimo no Brasil são altíssimos, e é praticamente impossível encontrar um investimento que pague mais do que os juros cobrados pelos bancos. Por isso, não vale a pena ter dinheiro guardado e não usá-lo para sair do vermelho.

Quem está nessa situação deve usar aquela verba de 20% do orçamento para quitar as dívidas e só então começar a sonhar com o seu futuro. Agora, se você está no azul, pode traçar seus objetivos para curto, médio e longo prazo.

Uma dica prática é evitar deixar dinheiro parado na conta, dando sopa – se não, no fim do mês, você vai encarar aquilo como “o que sobrou” e tratá-lo como sobra mesmo, gastando em algo sem sentido. Por isso, vale a pena encarar todos os seus investimentos para o seu futuro como um gasto fixo no seu orçamento, a categoria “você”. Todo início do mês, quando seu salário cair, faça uma transferência do valor que pretende poupar para outra conta; assim, você blinda a verba e se esquece dele, pois, quando vemos um dinheiro disponível em conta-corrente, acabamos gastando. Você também pode programar no banco transferências automáticas sempre no início do mês; dessa maneira, nem vê aquele dinheiro entrar na sua conta (o que é melhor ainda).

A ideia por trás desse truque é se pagar antes de pagar todo o resto. São sempre muitas contas, muitos compromissos assumidos, muitas necessidades que surgem no dia a dia. Se você não se organizar para poupar com disciplina, dificilmente vai conseguir ter um patrimônio importante ao longo da vida.

Pode parecer difícil, pois a técnica implica aprender a viver com 20% a menos do seu salário na conta-corrente. Mas é isso que vai mantê-la longe do perigo de gastar sem necessidade. É o que sempre falamos: não importa quanto você ganha, mas sim quanto você gasta. Com um orçamento dividido entre 50% para custos fixos, 30% para lazer e 20% para o futuro, você vê exatamente qual deve ser o seu padrão de vida e ainda consegue juntar dinheiro para realizar os seus sonhos.

Uma dica boa é incluir alguém (em quem confie, por favor!) como segundo titular da sua conta para investimentos. Pode ser

mãe, pai, irmão ou marido. Se você tiver alguém fiscalizando, é muito mais provável que consiga poupar e cumprir o seu propósito.

Após algum tempo, esteja certa, você vai se recondicionar e aprender a esquecer aquele dinheiro destinado aos seus investimentos. O que você não pode é se esquecer de investir aquela verba! Aliás, você pode ter uma conta ou um investimento para cada um dos seus propósitos.

Você não pode colocar seus sonhos em risco. Então, o ideal é que você busque investimentos mais conservadores. Existem diversas aplicações disponíveis no chamado mercado de renda fixa. Entre as opções disponíveis, há o Certificado de Depósito Bancário (CDB), o Tesouro Direto, a Letra de Crédito Imobiliário (LCI), a Letra de Crédito do Agronegócio (LCA) e até fundos de renda fixa com retornos interessantes e de baixo risco. Vamos explicar todas as opções no próximo capítulo.

Não queremos transformá-la em uma investidora profissional, mas sim fazê-la entender que existem ferramentas no mercado financeiro que podem dar uma mãozinha na hora de ir atrás do seu sonho e vão lhe dar uma rentabilidade muito, mas muito melhor do que a boa e velha caderneta de poupança.

Dicas da **Carol e do Samy**

Você sabia que a visualização é uma técnica muito utilizada por diversos tipos de profissionais para ajudá-los a se concentrarem em suas metas? Um nadador vai focar o tempo que ele precisa fazer na piscina; um jornalista pode se imaginar como apresentador do telejornal; e assim por diante.

Pode parecer algo simplista, mas é uma ferramenta poderosíssima. Por isso, aproveite e busque uma forma de tornar os seus sonhos tangíveis no dia a dia: por meio de um fundo de tela novo para o seu celular ou computador, ou uma imagem grudada no seu espelho, para

ser vista todo dia pela manhã. É você que define, mas a visualização pode ajudá-la – e muito – a chegar aonde deseja. Não custa tentar!

NA PRÁTICA

Definir metas significa escolher e priorizar os seus desejos, para poder transformá-los em objetivos concretos, com data para acontecer. Confira o passo a passo para criar um plano de ação:

- Defina quais são os seus interesses de curto, médio e longo prazo.
- Veja quanto cada um deles vai custar. Se for uma viagem, pesquise os preços de passagem e hotéis; se for a festa de seu casamento, calcule o valor dos gastos com cada um dos fornecedores.
- Ao descobrir quanto custam os seus sonhos, você descobre quanto vai precisar poupar para realizar cada um deles.
- Com tudo isso em mente, é hora de começar a poupar!

CAPÍTULO 5

Aprenda a investir o seu dinheiro



Agora que você resolveu juntar dinheiro para alcançar suas metas, é hora de começar a investir. E, com a ajuda de aplicações com boa rentabilidade, será mais rápido poupar.

Mas qual é o melhor investimento? Existem milhares de opções no mercado, para todos os bolsos e apetites por riscos, o que dificulta o processo de definição. O maior erro que você pode cometer nesse momento é recorrer a uma figura simpática, que parece ter sido feita justamente para ajudá-la com essa questão: o gerente do banco.

Os gerentes têm um papel importante na prestação de diversos serviços financeiros, como o recebimento de depósitos à vista, as transferências de recursos e a concessão de empréstimos e financiamentos. Logo, parece óbvio que tratar de investimentos também seja com eles – mas não é.

Explicamos: o gerente é um funcionário do banco e seu objetivo, como o de qualquer bom empregado, é aumentar o lucro da instituição onde trabalha. Em outras palavras, ele venderá o produto que traz maior rentabilidade para o banco, e não para você. Ele trabalha com metas e bônus, por isso precisa destacar as aplicações que o banco deseja vender – que não são, necessariamente, as mais indicadas para o seu perfil.

Dessa forma, ele não pode fazer uma assessoria de investimento isenta e imparcial. Por isso, é melhor você conhecer um pouco de cada uma das alternativas antes de buscar uma corretora ou um banco para definir qual será a sua estratégia de aplicação. Mas como exatamente você escolhe onde investir?

Em primeiro lugar, é importante destacar que não é de hoje que o Brasil é o país com as maiores taxas de juros do mundo. Isso significa que as operações mais seguras, da chamada renda fixa (CDBs e títulos do Tesouro, por exemplo, com base no pagamento de juros), são bem interessantes. Estudos mostram que, no longo prazo, a renda fixa traz retornos mais consistentes do que a renda variável (como a Bolsa de Valores), apesar de muitas vezes termos a impressão contrária.

Para decidir onde aplicar seu dinheiro, você precisa avaliar quatro pontos fundamentais: risco, prazo, retorno e custos.

- 1. Risco** . Na vida, assim como nos investimentos, quanto maior risco você estiver disposta a tomar, maior pode ser o retorno – e o tombo também. Segundo estudos, a maioria da população é muito avessa ao risco; por isso, quem acha que se enquadra nesse perfil deve procurar aplicações mais conservadoras. O retorno é menor, mas assim você não arrisca o seu patrimônio.

Na categoria de renda fixa, você encontra as opções mais conservadoras. Esse tipo de investimento funciona como um empréstimo: se a capacidade de pagamento da pessoa (ou, no caso, país ou instituição) for boa, o risco é baixo; se for ruim, o risco é maior. Não dá para dizer que todo investimento em renda fixa é seguro, mas, no Brasil, com as nossas elevadas taxas de juros e a segurança institucional do país, há opções com uma boa relação entre custo e benefício na renda fixa, com risco reduzido e retornos estáveis, fugindo dos altos e baixos da Bolsa.

Aqui você tem um retorno combinado, conhecido na hora da aplicação: seja ela um valor estabelecido (prefixado), seja a variação de um índice, como o de inflação, por exemplo (pós-fixado).

2. Prazo . Esse fator refere-se ao tempo pelo qual você vai querer deixar o seu dinheiro investido. Este ponto é muito importante e pode determinar até mesmo a rentabilidade: ao escolher uma aplicação, você precisa ver em quanto tempo pode fazer um resgate e se há uma cobrança de taxas ou de imposto de renda maiores se você tirar o dinheiro antes do prazo determinado. Normalmente há, o que acaba aumentando o custo do seu investimento e, conseqüentemente, diminuindo o seu retorno. Por isso, para investimentos de curto prazo, procure opções com maior liquidez, o que significa que você precisa esperar pelo período do vencimento para poder resgatar o investimento, sem tributação extra, caso precise do dinheiro para ontem.

3. Retorno . O objetivo dos investimentos de renda fixa é proteger o seu patrimônio. Seja você médica ou jornalista, advogada ou arquiteta, investir na sua própria área de atuação vai sempre trazer retornos maiores do que aplicar em CDBs, por exemplo. É como a empresária que opta por fazer uma pós-graduação ou que resolve investir no seu próprio negócio: as chances de essas ações virem a significar um aumento de renda importante são grandes.

Já os investimentos financeiros (em ações, CDBs, títulos do Tesouro) são de outra natureza. Eles vão servir para proteger o seu dinheiro contra o avanço da inflação e ajudá-la a chegar mais perto dos seus sonhos, uma vez que a rentabilidade é maior que a inflação. No curto prazo, podemos até ter a impressão de que a inflação não pesa, mas, no longo prazo, percebemos que ela tem a capacidade de destruir o poder de compra de quem não cuidou do dinheiro como deveria.

4. Custos . Assim como você sabe quanto pagou na manicure ou pela sua última compra, precisa ter clareza de quanto paga pelas suas aplicações. Ou você achou que fazer o seu dinheiro render era de graça?

Ao investir, você vai encontrar uma série de impostos e taxas. Alguns tipos de investimentos cobram imposto de renda, outros não, e os chamados fundos de investimento cobram taxa de administração. Além disso, dependendo da modalidade, pode haver outros tipos de cobrança.

Por isso, você precisa ficar atenta a todos os custos envolvidos, pois eles podem diminuir a sua rentabilidade final.

Feita a lição de casa, escolha o tipo de aplicação que faz mais sentido para você. Vale destacar que quem tem mais de R\$ 20 mil para investir pode pensar em diversificar as aplicações; afinal, não é seguro colocar todos os ovos na mesma cesta. Se você tem um patrimônio grande o suficiente, pode dividir uma parte para um investimento mais seguro e outra, menor, para tentar conseguir retornos maiores.

Para ajudá-la a escolher a opção que mais combina com seu perfil, preparamos um resumo das principais aplicações existentes no mercado; assim, você poderá entendê-la e compará-las. E, no final do capítulo, você encontrará um guia com quatro cenários para orientá-la na definição da sua estratégia de investidora, com base em quanto você pode aplicar.

Caderneta de poupança

É a forma mais popular de aplicar o dinheiro no Brasil, mas isso não quer dizer que seja a que tem a melhor rentabilidade. Ao contrário: enquanto este livro estava sendo escrito, o retorno da poupança estava abaixo da inflação. Em outras palavras, quem aplicou em poupança perdeu dinheiro.

Então, por que tanta gente recorre à boa e velha caderneta quando junta um dinheiro? A poupança é a aplicação mais acessível do mercado (alguns bancos fazem o investimento até por SMS) e possui um baixo risco. Não existe um valor mínimo para investir, nem imposto ou taxa de administração – cobrada em quase todas as

demais aplicações. Além disso, o Fundo Garantidor de Créditos (FGC), que funciona como uma seguradora entre os bancos, garante até R\$ 250 mil investidos. Ou seja, se houver algum problema com o seu banco, o seu dinheiro estará a salvo.

Mas toda essa facilidade tem um preço: o baixo retorno financeiro. Existem duas opções de poupança no mercado: se você abriu a sua até o início de maio de 2012, a que vale é a antiga, cuja remuneração é de 0,5% ao mês + a Taxa Referencial (TR); se você abriu a sua depois dessa data, existem duas alternativas de cálculo.

Quando a taxa de juros Selic, a taxa de juros básica da economia, for superior a 8,5% ao ano (como é atualmente; e a perspectiva é que se mantenha em patamar elevado no longo prazo), a remuneração é igual à da poupança antiga; se a Selic for igual ou inferior a 8,5%, o retorno é de 70% da Selic + TR.

A TR, uma taxa de juros referencial, corresponde a uma média da taxa dos CDBs dos últimos 30 dias ajustada pelo governo. No entanto, o pulo do gato é que o governo tem a capacidade, por conta da sua política monetária, de zerar a TR ou de mantê-la muito baixa, o que afeta fortemente o retorno da poupança.

A proposta da caderneta é ser um mecanismo de proteção contra a inflação. No entanto, com um retorno médio de 6,2% ao longo de 2014, ela tem ficado abaixo da inflação e perdeu o seu principal papel, que é a manutenção do poder de compra.

Por exemplo, se você faz um investimento de R\$ 10 mil na poupança, seu saldo para resgate, após um ano, será de aproximadamente R\$ 10.620,00. No entanto, por causa da inflação, depois desse período você precisaria de R\$ 10.650,00 para comprar o mesmo produto que compraria com aqueles R\$ 10 mil investidos. Portanto, você perdeu dinheiro.

O que você precisa saber sobre a poupança

Retorno : 0,5% ao mês + TR.

Custos : não há cobrança de taxas nem impostos.

Risco : baixo, com garantia de até R\$ 250 mil como valor de resgate por CPF por instituição.

Existem outras opções no mercado tão seguras quanto a caderneta e que podem trazer uma rentabilidade muito maior. Você vai conhecê-las agora.

CDB

O Certificado de Depósito Bancário, o famoso CDB, nada mais é do que um empréstimo que você faz ao banco. O seu retorno são os juros da operação. Você pode comprar e resgatar CDBs mesmo antes do vencimento do empréstimo; mas, às vezes, não compensa, por conta da cobrança de imposto de renda, que é regressiva: passa de 22% a 15% em dois anos, conforme a tabela a seguir.

Tempo de permanência	Alíquota regressiva
Até 180 dias	22,5%
De 181 a 360 dias	20%
De 361 a 720 dias	17,5%
Acima de 720 dias	15%

Pior: se você tiver uma emergência e precisar resgatar o dinheiro ou parte dele em menos de 30 dias do início da aplicação, ainda

pagará IOF. Logo, o CDB é mais interessante apenas para quem “pode esquecer” aquele recurso por dois anos ou mais.

Na prática, quanto mais o seu dinheiro fica “parado” neste tipo de investimento, mais ele vale a pena em comparação à poupança. No ano, com a Selic em 12,5%, ele rende perto de 9,33% após impostos e não há cobrança da taxa de administração. Ele também tem a cobertura do FGC de até R\$ 250 mil, e você consegue começar uma aplicação, na maior parte dos bancos, com um valor mínimo de R\$ 200.

O CDB pode ser prefixado ou pós-fixado, mas a grande maioria disponível no mercado é de papéis pós-fixados. Na opção prefixada, você define/fixa com o seu banco a taxa total que receberá; na pós-fixada, a rentabilidade negociada é calculada com base em um indicador, que costuma ser o Certificado de Depósito Interbancário (CDI), e essa é a taxa pela qual os bancos fazem empréstimos entre si e que fica historicamente um pouco abaixo da taxa Selic.

Há uma impressão de que os títulos prefixados são mais seguros do que os pós-fixados, mas isso não é verdade. No caso do CDB prefixado, a ideia é que o risco fica com o banco que acertou com você, de antemão, a taxa de juros. Para isso, ele se protege contra perdas e inclui no pacote um mecanismo de segurança que é você, como investidora, que paga. Por isso, normalmente, o CDB pós-fixado acaba valendo mais a pena.

Saiba que os dois casos possuem, sim, espaço para negociação; então, ative as suas habilidades de negociadora nessa hora! Ao optar por um CDB, você precisa comparar o seu retorno com a taxa de inflação oficial para conseguir seu retorno líquido, descontada a cobrança de imposto de renda. É dessa forma que você poderá ver se a aplicação faz sentido.

Por exemplo, um banco que oferta um CDB pós-fixado e paga 100% do CDI, ao fazer uma oferta prefixada, projetará o CDI antes. Suponha que a expectativa seja 10% ao ano. Como o valor é incerto, o banco fará um “seguro” e ofertará a taxa prefixada em, por exemplo, 8% ao ano. Ao final desse período, quem investiu R\$ 5 mil no pós-fixado terá um juro, se a expectativa do CDI se concretizar, de R\$ 500; já no prefixado, o juro seria de R\$ 400.

O que você precisa saber sobre o CDB

Retorno : varia de acordo com o tamanho da aplicação, porte da instituição e prazo. De 80% a 120% do CDI (bruto). Com CDI a 10,8%, rende de 8,6% a 12,9% ao ano^[1] .

Custos : imposto de renda com tabela regressiva.

Risco : depende da instituição financeira (quanto mais sólida ela for, menor o risco e o retorno). Com garantia de até R\$ 250 mil como valor de resgate por CPF por instituição.

LCI e LCA

A Letra de Crédito Imobiliário funciona de maneira parecida com o CDB. Nesta alternativa, você empresta dinheiro para os bancos financiarem empreendimentos imobiliários. Já a Letra de Crédito do Agronegócio é usada pelos bancos para financiar o setor agrícola.

Essas duas opções possuem bons retornos, mas requerem um investimento inicial maior, de R\$ 5 mil, quando realizadas em grandes bancos. Nesses dois tipos de aplicação, não há liquidez diária. Existem diferentes prazos para essas aplicações, e, em geral, quanto maior o prazo, melhor o retorno. Normalmente, existe um período mínimo para deixar o dinheiro aplicado, que é de seis meses.

Nesses títulos, não há cobrança de imposto de renda nem de taxas de administração, e o seu dinheiro é garantido pelo FGC em investimentos de até R\$ 250 mil.

A LCI é recomendada para quem pode deixar o dinheiro investido no médio e longo prazo, por ter uma boa rentabilidade. O retorno da LCI e da LCA é calculado, assim como a maioria dos CDBs, como uma porcentagem do CDI. Enquanto este livro era escrito, a rentabilidade da LCI estava perto de 10,40% ao ano – um desempenho melhor do que o do CDB.

Mas tome cuidado: o fato de a LCI e a LCA serem livres de cobrança de IR não quer dizer que sejam sempre um bom negócio.

Você precisa ficar atenta ao percentual do CDI que ela paga: se for inferior a 90%, normalmente não compensa diante de um CDB, por exemplo.

Como comparar um CDB e uma LCI			
Prazo	IR	CDI bruto	CDI após imposto
Até 6 meses	22,5%	92%	71,3%
De 6 a 12 meses	20%	92%	73,6%
De 12 meses a 24 meses	17,5%	92%	75,9%
Acima de 24 meses	15%	92%	78,2%

Na tabela acima, dá para observar que um CDB que renda uma taxa de 92% do CDI vai, na prática, proporcionar um retorno entre 71,3% e 78,2% do CDI após desconto do imposto, dependendo de quando você resgatar o investimento. Quanto mais tempo você deixar o dinheiro aplicado, menor a cobrança de imposto de renda e maior o retorno final.

Ao comparar, portanto, uma LCI e um CDB, você não pode deixar de considerar o imposto: você tem de ver não apenas o retorno, mas o retorno líquido, após a cobrança da alíquota, para saber exatamente quanto vai para o seu bolso.

Nós fizemos uma pesquisa nos principais bancos e montamos uma simulação para você entender o retorno da LCI e do CDB. Uma pessoa que investe R\$ 5 mil em um CDB de 92%^[2] do CDI tem um resgate líquido de R\$ 5.220,40 em seis meses, de R\$ 5.466,69 em um ano, de R\$ 6.015,39 em dois anos ou de R\$ 8.010,01 em cinco anos.

Se optar por uma LCI de 82% do CDI, retira R\$ 5.244,95 depois de seis meses, R\$ 5.501,47 depois de um ano, R\$6.052,56 depois de dois anos ou R\$ 8.060,12 depois de cinco anos. A diferença está no rendimento que você consegue do CDI: quanto maior, melhor o seu retorno.

O que você precisa saber sobre a LCI e a LCA

Retorno : 70% a 100% do CDI bruto – de 8,5% a 12,3% ao ano.
(Alerta: na maioria das instituições, tem valor mínimo de aplicação e carência mínima.)

Custos : não tem.

Risco : depende da instituição financeira. Com garantia de até R\$ 250 mil como valor de resgate por CPF por instituição.

Tesouro Direto

Os títulos do Tesouro brasileiro nada mais são do que uma forma de fazer um empréstimo ao governo. Como a chance de o Brasil quebrar e o governo dar um calote é baixa, o risco deste tipo de aplicação também é mínimo. O valor dos títulos começa em R\$ 30 e pode chegar a até R\$ 1 milhão, e você pode comprar e vender os papéis pelo próprio site do Tesouro Direto.

Existem diversos tipos de papéis, e, na prática, todos são interessantes. Geralmente, seu retorno está baseado na taxa Selic, os juros da economia brasileira.

Ao investir no Tesouro Direto, você paga 0,3% de custódia para que o título fique registrado em seu nome, e há corretoras que não cobram taxa de corretagem, ou seja, não há custo sobre a operação de compra e venda (como ocorre na negociação de um apartamento, por exemplo). Vale a pena pesquisar!

O rendimento do seu título cai diretamente na sua conta na data de vencimento do papel, que é predeterminada. Se você precisar

vender os títulos antes do prazo, pode usar os leilões de recompra, que acontecem toda quarta-feira. Neste caso, você pode receber mais ou menos do que o contratado, de acordo com as oscilações do mercado.

Mas preste atenção: a cobrança de IR é feita no momento da venda, no pagamento dos juros ou no vencimento do título. Por exemplo, se você investiu R\$ 100 e resgatou R\$ 120, a cobrança de IR é feita apenas sobre os juros, ou seja, em cima dos R\$ 20. Se você aplicou por mais de seis meses, a alíquota é de 15%; neste caso, o IR é de R\$ 3 (15% de R\$ 20) e o valor de resgate é de R\$ 117 após o desconto do imposto.

A tabela é regressiva e funciona como a do CDB. Também se cobra IOF para resgates em menos de 30 dias. Por tudo isso, o Tesouro Direto também é uma opção voltada para o longo prazo.

O próximo passo é escolher em qual dos títulos aplicar. Aqui existe uma verdadeira salada de letras: LTN, LFT, NTN... Para simplificar, existem duas opções que são mais interessantes, os dois títulos pós-fixados: a NTN-B e a LFT.

A NTN-B é a mais indicada para quem quer fazer um investimento de longo prazo, de olho na aposentadoria. Esse papel é um título que acompanha a evolução da inflação e garante um rendimento real para o seu dinheiro.

Já a LFT é um papel de curto prazo, que traz um retorno atrelado à taxa Selic, que é um remédio para a inflação. Dessa forma, você também fica protegida.

Por exemplo, se entre a data de compra e a data de venda do título a taxa Selic foi de 12% ao ano, essa será a rentabilidade bruta dele. Para você chegar à rentabilidade líquida, deve diminuir 0,3% e descontar o imposto de renda de acordo com o prazo. Além disso, algumas instituições cobram taxa de corretagem, o que afeta o seu retorno final.

O que você precisa saber sobre o Tesouro Direto

Retorno : taxa Selic (LFT).

Custos : 0,3% ao ano de custódia. Algumas corretoras não cobram corretagem; por isso, escolha bem a sua, para não ter de pagar taxas desnecessárias.

Risco : baixo, pois seria necessário um calote do governo.

Fundos de investimento

Muita gente prefere recorrer a um gestor de fundos para fazer o investimento em seu lugar. Se você tem esse perfil, vale um alerta: fique de olho na taxa de administração!

Se o fundo escolhido for baseado em papéis do Tesouro Direto, por exemplo, as taxas cobradas giram em torno de 1,5% ao ano. Pode parecer pouco, mas essa cobrança pode ter um efeito perverso no seu rendimento final. Por isso, se o fundo for investir em opções que você poderia comprar sozinha, normalmente ele não é uma opção que vale a pena.

VALE A PENA?

Nada vem de graça nesta vida – e o cuidado com o seu dinheiro também entra nessa máxima. Todo tipo de investimento tem um custo, e você sempre deve saber qual é. Não saber qual é a taxa de administração da sua aplicação é como não saber quanto custou a última compra que você fez.

Além disso, são os custos do investimento comparados com o seu retorno que vão dizer se, de fato, ele vale a pena ou não. Quando você vai escolher a sua aplicação, deve receber uma série de papéis com detalhes do investimento.

As informações parecem ter sido feitas para ser incompreensíveis, mas é com base nelas que você vai entender como aquela determinada aplicação funciona. Por isso, tire um tempo para estudar esse material. Na internet, você também encontra muita informação disponível.

Caso reste alguma dúvida, você pode até pensar em contratar um consultor financeiro para ajudá-la. Mas fazemos aqui um alerta: um consultor pode ser algo caro para quem não tem um patrimônio grande; por isso, acreditamos que vale a pena investir um tempo para entender todos os instrumentos. Se você preferir pedir a ajuda de um consultor, procure um independente, que cobrará um valor fixo em reais ou uma porcentagem do patrimônio investido.

Já se o fundo tem como base outros tipos de títulos de renda fixa, como papéis de dívidas de empresa, você também precisa ficar de olho. Isso porque, se o papel for muito arriscado, a taxa de administração tende a ser um pouco maior, e o investimento pode não compensar. Se o papel for ultrasseguro, o rendimento é ruim também, e novamente a opção não vale. O cenário muda de figura se a taxa de administração cai para 0,5% – com esse patamar, já dá para encontrar retornos reais de qualidade.

Se a ideia for investir em fundos de ações, a história é outra. Nesse tipo de fundo, a taxa de administração paga a habilidade do gestor. Alguns serão passivos e tentarão replicar o desempenho do Ibovespa, o índice que é usado para acompanhar a performance da Bolsa de Valores de São Paulo. Esses deverão cobrar uma taxa de administração menor do que os gestores ativos, que buscam superar o Ibovespa.

Vale destacar que o investimento em fundos de ações é mais arriscado, e, por isso, você não deve comprometer uma parte grande do seu patrimônio nele. Se você resolver aplicar em renda variável, o indicado é que, mesmo se tiver um perfil mais arrojado, não destine mais do que 20% da sua renda.

O que você precisa saber sobre os fundos de investimento

Retorno : depende do perfil do fundo.

Custos : IR de 22% a 15% + taxa de administração (não invista em fundos de renda fixa com taxa superior a 0,5% ao ano!).

Risco : depende dos papéis em que o fundo investir. Se for apenas em renda fixa, o risco é menor do que se for também em renda variável. Por isso, você precisa ler o regulamento do fundo!

Fundos de previdência

Essa é a clássica opção de investimento de longo prazo, focado na sua aposentadoria. Mas, como no caso da poupança, apesar de ser muito popular, não quer dizer que se trata necessariamente de uma boa alternativa.

No momento de escolher o seu plano, você tem duas opções: o Plano Gerador de Benefício Livre (PGBL) e o Vida Gerador de Benefício Livre (VGBL). O PGBL é indicado para quem faz a declaração completa do imposto de renda, ou seja, para quem tem despesas dedutíveis com valor maior do que 20% dos rendimentos obtidos durante o ano. O VGBL, por sua vez, é para quem faz a declaração simplificada – aqueles que têm apenas uma fonte pagadora e poucos gastos que podem ser deduzidos. Se você for autônoma ou profissional liberal, o VGBL é a opção mais indicada.

No PGBL, você paga menos impostos agora e consegue acumular mais renda, pois as contribuições ao plano podem ser descontadas da sua declaração do IR. Só tem uma questão: o limite é de 12% da renda anual. O imposto só será cobrado lá na frente, no momento do resgate da sua previdência. Já no VGBL, você não pode descontar as suas aplicações do imposto, mas, na hora de resgatar, você só paga o imposto sobre o rendimento das suas aplicações, e não sobre o total resgatado.

Seja um VGBL, seja um PGBL, você deve escolher o regime de tributação: progressivo ou regressivo. A tributação progressiva funciona da mesma forma que com o salário: quanto mais você recebe, maior é a cobrança do imposto, que pode chegar a 27,5%. Já na regressiva, ela vai de 35% em menos de dois anos até 10% em mais de dez anos. A tabela progressiva vale para aqueles que possuem uma renda mais baixa e cairão nas menores alíquotas do IR.

O problema dos fundos de previdência são as altas taxas de administração cobradas, que, em geral, são de 3% e comem uma boa parte dos seus rendimentos. Esse tipo de fundo só compensa quando a taxa de administração é realmente baixa ou quando a empresa onde você trabalha dá um benefício aos funcionários, como uma aplicação do valor correspondente por parte da empresa a cada real investido pelo funcionário. Se esse tipo de opção existe onde você trabalha, vale a pena investir.

O que você precisa saber sobre os fundos de previdência

Retorno : depende de onde o fundo está investido. Tende a ser conservador, a ficar entre 70% a 110% do CDI (bruto) – de 8,64% a 13,57% ao ano.[3]

Custos : tabela especial (opção no momento da entrada). Há cobrança de taxa de entrada, de carregamento e de saída.

Risco : depende dos investimentos do fundo (geralmente, o investidor pode escolher a porcentagem de renda fixa e renda variável.)

VALE A PENA?

Depois de ler este capítulo, você descobriu que está nas aplicações erradas e quer saber o que fazer? Para tomar a melhor decisão, você vai ter de levar em conta a cobrança de imposto de renda no resgate do seu

investimento. Em casos em que a tabela é regressiva, como no CDB e no fundo de previdência, você corre o risco de ter uma cobrança do valor máximo (35% no caso da previdência) contra os possíveis 10% (prazo acima de dez anos) e 22,5% no CDB (valor máximo) contra 15% (prazo acima de dois anos) se tirar o dinheiro na hora errada. Por isso, tome muito cuidado.

Se a ideia for transferir de um fundo de previdência para outro, não tem problema, pois existe portabilidade para esse tipo de fundo. Mas a portabilidade só funciona para ir de um tipo de fundo de previdência para outro. Neste caso, a portabilidade não considera um resgate e não afeta a tabela de imposto de renda. Mas, se você for sair da previdência para ir a um CDB, por exemplo, aí não vai ter jeito: vai haver, sim, cobrança de imposto.

Comparação entre os tipos de aplicação

A seguir, você confere um resumo dos prós e contras das aplicações analisadas, com o retorno médio de cada uma delas, para ajudá-la a escolher a opção mais adequada ao seu perfil^[4].

Quanto R\$ 1.000 investidos virariam depois de...*					
	6 meses	1 ano	2 anos	5 anos	10 anos
Poupança	R\$1.034,41	R\$1.070,00	R\$1.144,90	R\$1.402,55	R\$1.967,15
CDB	R\$1.044,02	R\$1.093,30	R\$1.202,97	R\$1.587,22	R\$2.519,27
Tesouro Direto	R\$1.041,30	R\$1.087,60	R\$1.190,50	R\$1.562,06	R\$2.440,02
LCI ou LCA	R\$1.042,98	R\$1.087,80	R\$1.183,31	R\$1.523,16	R\$2.320,01
Fundos de Renda Fixa	R\$1.033,78	R\$1.071,10	R\$1.152,83	R\$1.434,96	R\$2.059,12
Previdência	R\$1.022,50	R\$1.045,80	R\$1.102,08	R\$1.303,87	R\$1.700,07

* Simulação

No nosso exemplo, se você tiver R\$ 1.000 para investir, ela terá R\$ 1.070 após um ano na poupança, R\$ 1.093 no CDB, R\$ 1.087 no

Tesouro Direto ou em uma LCI, R\$ 1.071 em um fundo de renda fixa e R\$ 1.045 na Previdência. Se a diferença parece pequena, compare o resultado no longo prazo: em 10 anos, você terá um mínimo de R\$ 1.967 na poupança – o melhor resultado é alcançado com o Tesouro Direto, com R\$ 2.440. Ou seja, você multiplicou o seu dinheiro em quase 2,5 vezes!

Vale destacar que estamos falando aqui do retorno feito com um investimento inicial. O ideal é que você continue fazendo aportes mensais para seu dinheiro render cada vez mais. Com isso, sem mexer nos rendimentos, você ganha com os juros compostos, que têm um poder multiplicador, pois são gerados sobre juros anteriores. Ou seja: quanto mais você se esforçar para poupar, melhor o seu retorno.

No caso do Tesouro Direto, você pode fazer aportes mensais, mas cada um conta como uma aplicação diferente, já que ela é feita por meio da compra de um título. Nesse caso, só tome cuidado com o prazo do investimento e o imposto cobrado: se você fizer aportes mensais por um ano, a sua última aplicação terá ficado apenas um mês, e, se você for fazer um resgate total, terá uma cobrança maior de imposto.

Agora que você entendeu os principais tipos de investimento, preparamos um guia para indicar o melhor caminho para você, com base em quanto você consegue investir. Esses valores são por aporte, ou seja, pelo valor da aplicação. O ideal é que você se organize para investir um valor todo mês (os 20% da nossa regrinha de orçamento). Se você vai começar do zero, o provável é que não tenha muito para investir, mas, se tem algum dinheiro guardado, vai encontrar mais possibilidades. Confira.

Se você tem até R\$ 100 para investir

O mais recomendado são os títulos do Tesouro Direto, pois o rendimento de quem investe pouco é o mesmo de quem investe muito. O risco é baixo, e você pode comprar um título com R\$ 30.

Como dissemos, existem vários tipos de papéis, mas, se você pode precisar do dinheiro rapidamente, o título mais interessante é a LFT, que rende a taxa Selic. Já se o seu objetivo for juntar dinheiro para, daqui a alguns anos, dar entrada em um carro ou pagar a matrícula da faculdade, considere também as NTN-Bs, que são atreladas à inflação.

Se você tem até R\$ 1.000 para investir

Nesse caso, além do Tesouro Direto, você pode aplicar no CDB de um banco. Essa é uma aplicação de longo prazo, por causa da cobrança do imposto de renda – a tabela é regressiva e passa de 22% a 15% em dois anos.

Além disso, se você aceita deixar o dinheiro investido por esse tempo mínimo, consegue ter retornos maiores – uma aplicação por três anos é capaz de render 98% do CDI.

Se você tem até R\$ 5.000 para investir

Além do Tesouro Direto e do CDB, que ainda são alternativas atraentes, você já pode avaliar alguns fundos de investimento. O essencial aqui é entender exatamente no que o fundo investe (em ações ou em CDBs? Em câmbio ou em papéis do Tesouro Direto?), para compreender o nível do risco e do retorno que você pode esperar.

Existe outra questão-chave: lembre-se de que os fundos de investimento cobram uma taxa de administração. Para o investimento valer a pena, ela não pode ultrapassar 1% ao ano – mais do que isso, geralmente, é alta demais.

Se você tem mais de R\$ 5.000 para investir

Se você está nesse patamar, pode encontrar boas LCIs e LCAs, que não têm cobrança de imposto de renda. Para ajudá-la a escolher, neste tipo de investimento, um rendimento bom fica na casa de 82% do CDI. Já no caso do CDB, o patamar interessante é em 95% do CDI.

Em todos os casos

Se você pode deixar o seu dinheiro aplicado por mais de três anos, uma boa alternativa são as notas do Tesouro Direto série B. Esse papel acompanha a inflação e vai trazer uma remuneração real no decorrer do tempo.

Dicas da **Carol** e do **Samy**

Nunca invista o seu dinheiro em uma aplicação cujo funcionamento você não tenha entendido. Sabe aquela história de que, quando a esmola é demais, o santo desconfia? Pois bem, o mesmo vale nessa hora. Investimentos com retornos muito acima da média e com risco baixo não cheiram bem. Por isso, tome cuidado.

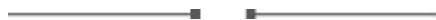
E jamais, em hipótese alguma, aceite o papo de que um título de capitalização é uma excelente aplicação, porque ele não é sequer um investimento de verdade. A rentabilidade é baixíssima, e você precisa ter muita sorte para ganhar em um dos sorteios. Capitalização é como jogar na loteria. Se você gosta de jogos de azar, existem outras opções na lotérica mais próxima!

NA PRÁTICA

Ao definir onde investir, você deve avaliar algumas questões fundamentais, para depois não ficar com a sensação de ter escolhido a opção errada. São elas:

- Nível de risco da aplicação.
- Retorno esperado.
- Prazo para o investimento.
- Custos envolvidos (taxas e impostos).

PARTE 2



Realize os seus sonhos



CAPÍTULO 6

Sair de casa

Ser independente é um dos maiores desejos da mulher moderna. E vamos ser honestos: o mundo mudou. Se antes as mulheres só saíam da casa dos pais para se casar, a realidade agora é outra. O casamento não é mais o único passe para a liberdade; o salário vem ganhando espaço.

Como resultado da entrada das mulheres no mercado de trabalho, elas têm, até mesmo, subido ao altar mais tarde. Segundo o último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a idade média com que a mulher se casa passou de 23 anos, em 2002, para 25 anos, em 2012. Além disso, uma pesquisa da Universidade da Virgínia, nos Estados Unidos, revelou que mulheres que esperam passar dos 30 anos para o grande dia ganham cerca de US\$ 13 mil anuais a mais do que aquelas que se casam antes.

Por esse motivo, o sonho de morar sozinha tem sido realizado por cada vez mais mulheres. É a sua independência que está em jogo, a possibilidade de tomar as suas próprias decisões e, também, a responsabilidade de segurar essa onda toda sozinha. Se esse é o seu caso, antes de sair pensando no que quer pendurar na parede

da sua casa nova, você precisa avaliar se pode morar sozinha. Preparada?

O primeiro passo é estimar os seus custos para ver se cabem no seu orçamento. Conforme aquela regra dos 50/30/20, os seus custos com moradia não devem passar de 50% do seu ganho líquido. Para ajudá-la, listamos a seguir os principais gastos de uma pessoa que mora sozinha:

Aluguel

Condomínio

IPTU

Internet

Telefone

TV a cabo

Eletricidade

Gás e água (se aplicáveis)

Limpeza

Supermercado

O mais indicado é que você gaste um tempinho para calcular cada um desses itens. Mas, para que você tenha uma primeira ideia, fizemos uma estimativa desses custos em uma cidade grande, considerando um apartamento de 50 metros quadrados. Veja só.

Aluguel	R\$ 1000
Condomínio	R\$ 400
IPTU	R\$ 100
Internet	R\$ 60
Telefone	R\$ 60
TV a cabo	R\$ 70
Eletricidade	R\$ 80
Gás e água (se aplicáveis)	Normalmente, os custos estão embutidos na taxa de condomínio
Limpeza	R\$ 100 por semana
Supermercado	R\$ 600 ^[1]

Esse orçamento “básico” custa R\$ 2.770. Ou seja: para poder manter seu estilo de vida, você precisaria ganhar um salário líquido de R\$ 5,5 mil por mês. Pois é, não está fácil para ninguém...

Mas isso não significa que se você ganha um salário menor não conseguirá sair da casa dos seus pais. Você tem algumas opções: dividir o apartamento com um ou mais amigos para poder segurar os custos, reduzir o seu padrão de vida para poder bancar a sua independência ou esperar um pouco mais para ir morar sozinha.

De toda forma, vale um alerta: não caia na tentação de achar que, se você ganha R\$ 3 mil, vai necessariamente conseguir morar sozinha com o orçamento que listamos anteriormente, pois isso não é sustentável. Nossa indicação de usar somente 50% do seu salário com os seus custos fixos funciona, pois prevê que você terá 30% da renda para pagar o seu lazer e supérfluos (jantar fora, uma balada, compras etc.) e ainda ficará com 20% para guardar para o seu futuro.

Essa reserva é o que vai ajudá-la a segurar a onda caso aconteça alguma emergência – e, infelizmente, elas acontecem. Geladeiras quebram, baterias de carro morrem, e olha que nem estamos

considerando problemas de saúde ou no trabalho. Você precisa ter uma reserva para poder pagar pelos imprevistos que surgem em nossa vida, pois, caso contrário, cairá no vermelho por qualquer bobagem.

Insistimos: você não deve comprometer com a casa mais que 50% da sua renda nos custos fixos, para evitar ficar no limite. É como andar com um balde cheio de água: qualquer chuvinha fraca vai fazê-lo transbordar.

Por isso, pode ser uma boa ideia repensar o seu padrão de vida. Aqui entram várias questões, que vão da locomoção da sua casa até o trabalho à crença de que “não dá para viver sem TV a cabo”. (Existem serviços de *streaming* de filmes e séries pela internet que custam metade do preço do pacote básico da TV a cabo, por exemplo!) Confira as principais questões que podem entrar nessa discussão.

Localização

No mercado imobiliário, existem três fatores a serem levados em consideração na hora de escolher o seu apartamento: localização, localização e localização. Mas será que isso vale, de fato, em todas as situações?

Independentemente de estar certa ou errada esta afirmação, nós sempre começamos a busca definindo a região onde gostaríamos de morar – perto do trabalho é um sonho, mas muita gente também quer estar perto dos lugares que gosta de frequentar.

Mas o cálculo não é tão simples assim. Você deve levar em conta os valores médios do aluguel na região desejada, e muitas vezes o susto é grande! Nos bairros em que o aluguel é muito alto, será que a economia com o transporte, por exemplo, compensa?

Para fazer essa conta, vamos ver qual é o valor da sua hora de trabalho: basta dividir o seu salário líquido pelo número de horas trabalhadas no mês. Pronto, o resultado é quanto você ganha em uma hora de trabalho – e é com esse número que você pode

comparar o gasto extra do aluguel com a redução no custo de transporte.

Imagine, então, que a casa dos seus pais fica próxima do seu local de trabalho e a sua casa nova fica um pouco mais distante. Para fazer essa nova locomoção, você teria de usar um bilhete de transporte público. Com um custo de R\$ 6 por dia útil, o aumento do seu gasto com transporte é de R\$ 132 por mês.

Se você fosse de carro, vamos supor que o deslocamento a mais por dia seja de 10 quilômetros, o que implica um gasto diário de 1 litro a mais de gasolina. O custo extra seria de apenas R\$ 55 por mês, com a gasolina a R\$ 2,50 o litro. No entanto, você ainda teria de arcar com o custo do estacionamento, que pode girar em torno de R\$ 250 por mês, dependendo da área da cidade.

Mas e o tempo que você perde no ônibus, ele não tem um custo? Tem, sim. Ir e voltar de carro é mais caro, porém mais rápido. A hora de trabalho de quem ganha um salário médio em São Paulo (hoje em R\$ 2.200) é de R\$ 29. Ou seja, se você gasta duas horas a mais por dia para fazer o trajeto de ônibus, são duas horas de trabalho perdidas; por isso, pode-se dizer que se perdem R\$ 58 a cada dia nesse trajeto. Por mês, isso dá R\$ 1.276!

Esse é, portanto, o seu custo de oportunidade – quanto você deixa de ganhar por passar aquelas duas horas diárias no ônibus, e não no escritório.

Com isso, é complexo afirmar o que vale mais a pena – isso sempre varia caso a caso. Então, é importante você fazer esse cálculo adaptado à sua realidade, para entender o que faz mais sentido para a sua vida.

Alimentação

Outra grande questão de quem mora sozinho são os gastos e o trabalho envolvidos com comida. É difícil fazer compras apenas para uma pessoa: a maioria dos alimentos é fracionada para casais ou famílias. Sem uma boa lista de supermercado, as chances de nunca

ter o que você precisa e ainda ficar com algumas frutas estragando na geladeira são grandes!

Por isso, você precisa planejar sua alimentação. Geralmente, quem mora sozinho não almoça em casa e, por isso, precisa se preocupar apenas com o café da manhã e o jantar – e com os lanches, caso você leve para o trabalho. Portanto, monte uma lista e o cardápio do que você vai comer na semana, já pensando nas quantidades.

Outra opção moderna é comprar o cardápio da semana congelado. Existem diversas empresas que entregam congelados de boa qualidade – até mesmo com alternativas light. Será que vale a pena? Você vai precisar fazer uma comparação: tanto com os gastos de supermercado que deixaria de ter quanto com o valor da sua hora de trabalho.

Você também poderia comprar tudo no supermercado e passar a tarde de domingo cozinhando para deixar tudo pronto e congelado para a semana. Para saber o que vale a pena, compare o valor da sua hora com a diferença na economia dos congelados prontos!

Limpeza

O raciocínio aqui é idêntico: para saber se compensa ter uma faxineira, compare o custo da sua hora para fazer a limpeza sozinha com o que gastaria contratando uma profissional para ir à sua casa uma vez por semana ou a cada 15 dias.

E não se esqueça de calcular um tempo para descansar – o ócio também tem o seu valor. Se você ignorar completamente um tempo para repor a sua energia, o seu estresse aumenta, e você pode até ter um gasto maior e inesperado com saúde.

Lazer

Este item é extremamente relevante, apesar de não entrar nos 50% dos custos fixos de que falamos antes. Os gastos com lazer

(aqueles 30% do seu orçamento) podem ser reduzidos quando você vai morar sozinha, pois passa a ter um lugar para receber amigos ou o namorado.

Quando moram com os pais, vários casais gostam de viajar nos fins de semana para ficarem juntos – e a dois. Quando passam a morar sozinhos, essas viagens, por mais gostosas que sejam, não precisam mais ser tão frequentes. O casal passa a ter um lugar para conviver sem precisar pegar a estrada.

Saídas para bares e restaurantes podem virar um jantar em casa com os amigos, em que cada um leva um prato ou bebida: essa opção é sempre mais em conta, além de poder ser mais divertida.

Mas tome cuidado: não vá pensando que você pode zerar aqueles 30% de lazer e aumentar os seus custos fixos, pois isso não é viável a longo prazo. Todo mundo merece continuar a frequentar a manicure, ir a um show ou comprar uma roupa nova, por desejo ou por necessidade.

Se você acaba com o seu orçamento de supérfluos pensando que a casa nova é tudo o que você precisa para ser feliz (!), em alguns meses vai se encontrar em uma situação difícil, na qual qualquer gasto novo pode acabar com o seu equilíbrio financeiro.

Para casais

Se você já namora há algum tempo, a ideia de morar junto pode ser completamente natural. Mas veja: não estamos falando aqui de casamento, mas de morar junto, um cenário em que duas pessoas dividem um apartamento – e todas as contas. (Casamento é uma questão totalmente diferente, que envolve desde uma definição legal de como vocês lidam com os seus bens até a criação de uma nova intimidade, a financeira, para cuidarem juntos da vida da nova família que se forma.)

Morar junto pode ser um teste para saber como vocês funcionam quando dividem o mesmo teto – cada um tem os seus hábitos, e eles podem deixar o outro louco, acredite! Já um casamento exige outras reflexões e merece um capítulo exclusivo.

VALE A PENA?

Tome cuidado com aquelas ideias que parecem óbvias na hora, mas depois viram um peso na sua conta bancária:

- Parcelar a nova geladeira e os móveis em dezenas de vezes sem juros no cartão.
- Escolher um apartamento em uma região mais cara, jurando que vai trocar a academia pelo parque próximo, sem olhar no orçamento para ver se o impacto disso é real na hora do vamos ver.
- Jurar que vai cozinhar todo domingo para deixar as refeições da semana congeladas e economizar com restaurante e delivery, sem pensar se tem a disciplina para isso.

E agora?

Você deve fazer alguns cálculos antes de tomar a decisão sobre o momento certo de sair de casa. Vários fatores entram aqui, como o desejo de ter independência, de ter o seu próprio espaço e de poder cuidar da sua própria vida. Mas ir morar sozinha sem ter as finanças equilibradas pode ser um grande tiro no pé: a pior maneira de começar a sua vida independente é no vermelho.

Mas, se você estiver pronta, aproveite. Esse pode ser um momento mágico na sua vida, determinante para o seu amadurecimento e para a sua autonomia!

Dicas da

Carol e do Samy

Se está realmente na hora de sair de casa, você provavelmente vai precisar de um orçamento inicial para mobiliar o seu novo cantinho. Não precisa ir com muita sede ao pote: um colchão, uma mesa, cadeiras e os eletrodomésticos essenciais podem ser o suficiente para os primeiros

meses na casa nova, até conseguir juntar o dinheiro para comprar o sofá e os objetos de decoração.

No entanto, algumas coisas são baratinhas e podem mudar o astral da casa nova. Fotos de amigos e familiares não precisam estar no porta-retratos – você pode fazer um mural ou até colocá-las com ímãs na geladeira – e dão personalidade ao seu novo lar. Um vasinho de flores comprado na feira dá vida. E, aos poucos, você vai conseguir deixar a casa com a sua cara! Além disso, por que você não faz um *open house* para os amigos? Certamente, eles vão retribuir o convite presenteando-a com itens para a casa que serão muito úteis!

NA PRÁTICA

Para tomar uma decisão acertada que não será um peso na sua vida financeira, você precisará considerar alguns fatores:

- Definir os seus novos custos fixos mensais.
- Ver se seus custos fixos cabem nos 50% de receita que usamos como parâmetro.
- Decidir se vai morar sozinha ou dividir o apartamento (se for dividir, pensar se vai ser uma república ou morar com o namorado ou amiga.)
- Ver a localização e os custos com transporte.
- Encontrar formas de otimizar o seu tempo e os seus custos com alimentação e limpeza.
- Fazer uma conta realista dos seus gastos de lazer, considerando o fato de que finalmente terá o seu próprio espaço.

CAPÍTULO 7

Ter o próprio negócio

O desejo de abrir o próprio negócio é muito comum. Na primeira vez em que você pensa no assunto, parece só haver pontos positivos: horários flexíveis, não ter de responder a ninguém, fazer só o que gosta... Um sonho!

Um sonho, aliás, que está se tornando cada vez mais real para as mulheres. De acordo com dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), 52% das novas empresas abertas no Brasil com menos de três anos são tocadas pelo público feminino. Com todos os desafios enfrentados pela mulher contemporânea, a ideia de ser a própria chefe é realmente tentadora.

Você pode imaginar que estar à frente do próprio negócio é a melhor maneira de equilibrar a carreira com a vida pessoal e familiar. A flexibilidade garante que você possa buscar os filhos na escola e marcar as reuniões nos horários mais convenientes. Se você terá de fazer um terceiro turno de trabalho depois de colocar as crianças na cama é outra história, e isso é muito comum. A vantagem aqui é poder estar presente nos momentos-chave da família e ainda contribuir com a sua parte da renda familiar.

No entanto, a realidade é mais dura, e, se você quiser sobreviver como empresária, vai ter de aprender a lidar com uma série de questões. Não vamos dizer que é fácil, pois não é. Segundo as estatísticas mais recentes do IBGE, 48% das novas empresas fecham as portas depois de três anos. Ou seja: a chance de o negócio dar certo é praticamente igual à chance de não prosperar.

Qual é, então, o segredo dos empreendimentos que sobrevivem e ainda geram lucro?

A paixão é fundamental: em primeiro lugar, você precisa montar uma empresa que venda algo (um produto ou um serviço) que você ame e conheça bem. Empreender é duro, mas estar envolvida na criação de um projeto que faça sentido para você é o que vai motivá-la a continuar.

Investir na própria carreira pode trazer retornos muito melhores do que vários tipos de aplicações financeiras. No entanto, você não pode se deixar enganar: a paixão sozinha não resolve tudo. Ela pode ser necessária para o negócio vingar, mas não é suficiente. Ela pode, até mesmo, atrapalhá-la.

Vamos pensar em uma pessoa que ama treinar, estudou Educação Física na faculdade e quer abrir a própria academia. Parece óbvio que vai dar certo, não? Mas, sem olhar para todos os outros fatores que fazem uma academia se tornar bem-sucedida, esse novo empreendimento pode ser um desastre.

Neste caso, diversas perguntas devem ser levantadas: existe demanda por academia na região? Existem outras academias no bairro? Se existem, qual seria o seu diferencial? Se não existem, será que alguém já tentou abrir uma e não deu certo por motivos que você ignora?

Ou seja: você precisa estudar e se preparar para montar o negócio dos seus sonhos. Você está preparada? Então é hora de arregañar as mangas e começar a trabalhar.

Monte o seu plano de negócios

O plano de negócios é um documento essencial para você transformar a sua ideia em uma empresa de verdade. Se precisar de um empréstimo ou de levantar investimento, é com base no plano de negócios que qualquer gerente de banco ou investidor vai começar a conversar com você. Mas, antes mesmo disso, é esse plano que vai ajudá-la a entender se o negócio é viável e o que você pode esperar dele.

Um plano de negócios nada mais é do que o planejamento para a sua empresa: nele, você terá anotado o que precisa fazer, por quanto vender o produto ou serviço e como fazer isso. Redigir o seu plano lhe permite ver todos os recursos que serão necessários para abrir e manter a sua empresa, reconhecer a concorrência e fazer todas as contas para ver se ela pode, de fato, dar certo.

Para trabalhar nesse documento, você precisa definir algumas questões, que devem ser abordadas logo no início:

- Qual é a missão da minha empresa?
- Quais são meus produtos ou serviços?
- Quem são meus consumidores?
- Quem são meus concorrentes?
- Quem serão meus fornecedores e parceiros?
- Quais são meus diferenciais?
- Qual será a equipe necessária?

Você também deve fazer uma projeção financeira dos seus resultados. O melhor é montar uma planilha, estimando o preço de cada produto ou serviço e pensando em quantas vendas você tem de efetuar nos doze primeiros meses. Com esses números em mãos, você pode calcular qual será a sua margem de lucro (valor da venda menos custo da produção por unidade), a sua renda após descontar os impostos e o tipo de retorno que você pode esperar da sua empresa.

Um bom plano de negócios também precisa definir todas as questões relativas ao produto (o que será, sua aparência, suas vantagens, regulamentação necessária e certificação) e ao marketing (entender o mercado, a concorrência e quais estratégias você usará para atrair o cliente e fechar as vendas).

Com essas informações, você conseguirá entender o risco e o retorno que poderá ter com a sua empresa e se sentirá mais segura para seguir em frente e começar a montar o seu negócio. Se você sentir que precisa de apoio, um bom lugar para pedir ajuda é o Sebrae: eles têm cursos e materiais específicos voltados para quem quer empreender e precisa montar um plano de negócios.

Tenha uma reserva financeira

Pode demorar um tempo para que a sua empresa comece a dar lucro e você possa fazer retiradas de dinheiro. Como lidar com isso? Para se prevenir, você deve separar uma verba para bancar os seus custos nos primeiros meses da empresa.

É comum que um negócio demore a vingar, e, mesmo quando você começa a ter lucro, é fundamental não deixar de investir na empresa para que ela possa continuar a crescer. Por isso, empreender exige certo fôlego financeiro na largada.

Não se esqueça do capital de giro

Muitas empresas quebram não por prejuízo, mas por não terem mais caixa. E, como falamos, muitos negócios demoram a dar certo. Para não morrer na praia, você precisa ter uma reserva para segurar a onda no começo.

Se você vai vender um produto, é normal ter de gastar antes para receber depois. Comprar a matéria-prima, contratar fornecedores, ter a mão de obra necessária... Como pagar por tudo isso, se você só ganha depois que vende o produto final? É para isso

que você deve ter o famoso capital de giro, a fim de garantir que a sua empresa tenha condições de existir.

Por isso, o mais comum entre empreendedores (e empreendedoras) é buscar investidores que ajudem a colocar o negócio de pé e deem fôlego financeiro nos primeiros meses, quando é tão difícil obter lucro real.

Existem ainda questões bem complexas a ser resolvidas, por exemplo: como discutir com investidores? De quanto eu vou precisar? Eu vou receber um salário? Para definir tudo isso, você primeiro deve entender se vai começar um negócio do zero ou optar por abrir uma franquia.

Tudo o que você queria saber sobre franquias

A grande vantagem de montar uma franquia é que, ao adquiri-la, você compra junto todo o conhecimento necessário para ter uma empresa e ainda ganha um plano de negócios. Mas será que esse é realmente o seu perfil? Muita gente tem vontade de empreender para não ter de seguir mil regras, e, no caso de uma franquia, você terá as tais mil regras para seguir... Por isso é importante pesar bem os prós e os contras.

Se você optar por montar uma franquia, vai precisar de um investimento inicial. Há franquias por menos de R\$ 30 mil e outras que valem mais de R\$ 100 mil – e esse é apenas o valor da taxa de franquia (a lista completa das franquias disponíveis encontra-se no site da Associação Brasileira de Franchising – ABF –, organizada pelo investimento inicial necessário). Além disso, você precisará de capital para a instalação da empresa e capital de giro.

Imagine que você decida abrir uma escola de idiomas que exigirá um investimento total de R\$ 100 mil. Para conseguir o dinheiro, vai precisar dar ao seu investidor um retorno maior do que o da taxa de juros – que é o mínimo que ele ganharia caso deixasse o dinheiro aplicado. Considerando a taxa Selic em 12,5% ao ano, isso significa

um ganho de em torno de R\$ 838 líquidos ao mês sem nenhum esforço.

A questão é que ninguém abre uma empresa para ganhar 11% ao ano: todos querem 20%, 30%, 40%... Na prática, o investidor vai querer combinar diretamente com você qual deverá ser o retorno dele para pagar o risco que ele corre para você abrir o seu próprio negócio.

Outro assunto importante é quanto você vai ganhar por mês com o empreendimento. Para isso, você precisará definir uma questão: se prefere ter um salário ou se vai ficar com o lucro do negócio. Essa diferença é importante!

Se a opção é ter um salário, você precisa saber qual é a média de mercado paga para aquela atividade. No caso da escola de idiomas, você teria de "se pagar" o salário equivalente ao de um gerente ou coordenador. Vamos estimar R\$ 3 mil.

Então, você pode dizer que o seu lucro é de R\$ 3 mil por mês, certo? Errado! Esse é apenas o seu salário. Se você optasse por não trabalhar no negócio, teria de pagar os mesmos R\$ 3 mil a um gerente (e não teria lucro, caso os custos fossem iguais à receita).

O lucro, também chamado de dividendo em economia, é o valor que sobra depois de retirar do seu faturamento todos os gastos com salários (incluindo aqueles R\$ 3 mil), custos fixos e impostos. Se o valor final for positivo, parabéns! Você tem um negócio lucrativo em mãos.

Se a opção é não ter um salário, você passa a ficar com o lucro do negócio. Mas, muitas vezes, você é a empreendedora e também empregada do seu negócio. Por isso, precisa pensar em como resolver essa situação.

No momento de conversar com o seu investidor, é preciso definir como serão os termos da negociação de vocês. É possível, por exemplo, cada um investir R\$ 50 mil na franquia, incluir um salário de R\$ 3 mil para você, que estará à frente do negócio, e dividir os lucros. Outra alternativa é receber os R\$ 100 mil do investidor de uma vez só, e então todo o lucro será dele até você conseguir pagar o valor investido, com uma remuneração que vocês escolherão juntos.

Por isso, muita gente vê as franquias como uma forma de “comprar” o seu emprego. Se você só recebe salário e não leva parte dos lucros, significa que não trabalha como empreendedora. O empreendedor pode ter salário, mas a vantagem é que também recebe dividendos.

Montar um negócio do zero

Se as franquias não são a sua praia, a melhor opção é montar o seu próprio negócio. Quando você monta uma franquia, a vantagem é que já sabe quanto vai precisar de dinheiro, quanto custam as matérias-primas, tem apoio na divulgação do produto e não tem de se preocupar com precificação.

Diferentemente, ao montar um negócio que não seja uma franquia, o empreendedor deve pesquisar muito bem todos os custos e receitas envolvidos, para ter certeza de que a empresa dos seus sonhos pode ser lucrativa.

A vantagem é que, como ocorre com quase tudo o que implica mais riscos, o retorno pode ser maior. Franquias são boas ideias para marinheiras de primeira viagem. Já no caso de profissionais liberais que desejam manter a sua linha de atuação (advogadas, psicólogas, nutricionistas... estamos falando com vocês!), será necessário entender muito bem do mercado para poder se dar bem com o próprio negócio.

Onde consigo capital para o meu negócio?

Os termos “paitrocínio” e “sócorido” existem por um motivo claro: cônjuges, amigos e familiares são os principais financiadores dos pequenos novos negócios. Claro, é mais fácil pedir dinheiro para quem a conhece, respeita o seu trabalho e acredita no seu potencial do que para o banco ou um fundo de investimentos.

A forma mais tradicional de buscar verba para montar o seu negócio é por meio de empréstimos bancários. Existem linhas de

crédito para empresas que podem ser interessantes e até contar com apoio governamental, por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Se você vai montar uma franquia, saiba que existe uma linha de financiamento para isso também.

No mercado das *startups*, as famosas empresas de tecnologia iniciantes (e muito na moda) costumam chamar essa opção de investimento "friends and family". Outra alternativa são os "angels", os investidores-anjo, grupos de investidores dispostos a investir em negócios pequenos. Eles reconhecem o risco maior envolvido e costumam pedir uma fatia maior do negócio na sociedade.

No entanto, podem oferecer uma vantagem: como muitos já foram ou são empreendedores, podem trazer dicas valiosas para ajudar a sua empresa. Existem diversos grupos de investidores-anjo operando no Brasil, um deles até destinados exclusivamente a ajudar mulheres!

Por fim, há ainda uma opção mais recente, chamada de *crowdfunding*, ou financiamento coletivo. Nela, você oferece o seu produto (ou ideia!) em sites específicos para ver se consegue encontrar compradores. O vendedor estabelece um valor mínimo que precisa levantar e coloca seus produtos em pré-venda no site. Se um número suficiente de pessoas estiver disposto a comprar o seu produto ou ideia, elas pagam ao site em troca de receber o seu produto quando estiver pronto.

O financiamento coletivo é muito usado por empresas que desejam oferecer inovações tecnológicas, mas também por artistas que pretendem publicar um livro, gravar e lançar um disco, fazer filmes... É uma forma bacana de colocar a empresa de pé sem precisar de sócios.

VALE A PENA?

Veja bem os motivos pelos quais você decidiu empreender. Muita gente resolve abrir a própria empresa porque não quer ter chefe, quer

fazer o que ama ou acha que vai trabalhar menos. Mas a realidade pode ser outra. Quando você é o chefe, passa a ter de responder a seus clientes e investidores. Quando a empresa é sua, precisa fazer as atividades gostosas e também aquelas que odeia, afinal alguém precisa fazer o negócio funcionar. Quando a responsabilidade é só sua, as horas de trabalho se multiplicam, e as preocupações não tiram férias.

Empreender é para quem sabe tomar certos riscos na vida e deseja ser dono do seu próprio nariz. Você vai ter de trabalhar muito mais, mas o sentido na sua vida muda: você pode não fazer só o que gosta, mas pode construir o seu sonho, e isso não tem preço!

Montei a minha empresa. E agora?

A vida de empreendedora é árdua e exige muito trabalho – mas também pode trazer recompensas enormes. Dúvidas surgem o tempo inteiro, afinal, não ter chefe também tem as suas dificuldades. É sempre mais fácil seguir um caminho que você já conhece e ainda ter alguém para guiá-la.

Uma das questões mais comuns entre as empreendedoras é como organizar a conta pessoal e a da empresa. É muito fácil misturar tudo!

O primeiro passo é ser rigorosa para separar as suas contas de pessoa física e jurídica. Não dá para tirar dinheiro do caixa do negócio para pagar despesas pessoais ou gastos da casa – essa é a receita para o fracasso. No entanto, também não é recomendável ficar pagando os custos da empresa com a sua conta pessoal, especialmente se você tem sócios, pois depois fica muito difícil saber quem pagou pelo quê.

Com isso, o certo é ter duas contas bancárias separadas e fazer planilhas diferentes de controle de gastos. Ter tudo junto pode fazê-la perder a noção da situação real da sua empresa. Quando você tem as contas organizadas e separadas, consegue entender exatamente o tamanho dos seus gastos e do seu faturamento.

Para administrar a empresa, você vai ter de entender o que é fluxo de caixa, um nominho feio para o dinheiro que entra e sai da sua conta. Existem diversos aplicativos que a ajudam a manter o controle do caixa da sua empresa e a emitir notas fiscais e boletos, como o Conta Azul – por isso, use e abuse deles.

Quando o dinheiro está entrando e entrando na empresa, fica muito tentador fazer retiradas a toda hora. No entanto, é fundamental saber separar os ganhos do negócio da necessidade de reinvestir nele. Uma empresa bem-sucedida precisa sempre de reinvestimento para crescer – e a forma mais fácil de encontrar esse dinheiro é justamente no lucro gerado.

Com esses recursos, você pode contratar mais funcionários, comprar mais matéria-prima a custos melhores (olha aí mais um uso para os seus superpoderes de negociadora!) e até investir em marketing para divulgar o seu produto ou serviço e conseguir vender mais.

Por isso, tenha muito claro qual será o seu salário, qual parte do lucro será distribuída aos sócios como dividendos e qual será retida para reinvestir no negócio. Com essa equação resolvida, o caminho para ser uma empresária de sucesso fica muito mais livre. (A ABF recomenda que os empresários reinvestam metade dos lucros no negócio e retirem a outra metade para distribuir aos sócios como um patamar saudável para a empresa crescer e você garantir uma boa renda com o negócio.)

Dicas da **Carol e do Samy**

Apesar de possível, é muito difícil conseguir montar um negócio sem levantar dinheiro com um investidor. Sabe aquele ditado “a cavalo dado não se olham os dentes”? Pois bem, no mundo dos negócios, você precisa ver os dentes e todo o resto do pacote para se certificar de que o investidor é o melhor para você e para o seu negócio.

Existem vários tipos de investidores: alguns entendem do negócio que você quer montar e podem ajudá-la com dicas e apresentações;

outros querem se envolver no dia a dia da empresa e podem virar seu chefe; outros preferem ver só um relatório trimestral e os dividendos caindo na conta.

Por isso, escolha com carinho com quem vai levantar dinheiro, pois uma coisa é certa: quando você escolhe um investidor, ele se torna seu sócio. E sociedade, dizem por aí, é como casamento (mas sem as partes boas, se é que você nos entende). Tome o tempo que precisar, conversem bastante sobre o negócio e as visões de cada um sobre como tudo deve funcionar e tenham um acordo de sócios que preveja o que deve acontecer caso as coisas não saiam como o esperado. O combinado nunca sai caro!

NA PRÁTICA

Você se inspirou para virar dona do seu próprio nariz e abrir a sua empresa? Parabéns, é uma decisão que exige coragem e muita dedicação! Confira aqui os passos que você deve dar para ter muito lucro e o mínimo de dor de cabeça possível:

- Defina qual vai ser a atividade da sua empresa.
- Decida: franquias ou não?
- Monte o seu plano de negócios.
- Veja quanto dinheiro vai precisar e procure um investidor.
- Determine qual vai ser o seu salário.
- Estabeleça qual vai ser a distribuição de dividendos e quanto vai ser reinvestido na empresa.
- Organize contas separadas para seus gastos pessoais e os da empresa.

CAPÍTULO 8

Casar

Todo mundo deseja encontrar um parceiro, alguém para amar, dividir a vida, formar uma família e compartilhar sonhos e planos. Quando se encontra essa pessoa, nada mais natural do que pensar em casamento, certo? Seja um casamento tradicional, com direito a vestido branco, véu e grinalda, seja algo bem moderninho, de vestido curto em uma balada para celebrar com os amigos, não há como negar que a maioria das mulheres já parou para sonhar com esse dia.

Mas, assim que ele faz o pedido e você diz *sim*, surgem as primeiras perguntas: quando vai ser o casamento? Onde? Quem vai nos casar? Onde vai ser a lua de mel? Quantas pessoas vamos convidar? Quando você vê, já está buscando referências de mil fornecedores de bem-casados e dicas de fotógrafos e DJs.

Mas antes de começar a sonhar com o buquê e escolher as madrinhas, há uma pergunta que vocês dois não podem deixar de se fazer: quanto pretendemos gastar?

Preparar um grande evento como uma cerimônia e uma festa de casamento exige organização – e muita. São dezenas de itens que você precisa decidir (do vestido à decoração do ambiente, da comida e bebida às lembrancinhas, do espaço onde será realizada a festa ao

gerador, e assim por diante). E, quanto mais opções, mais chances também de vocês começarem a vida a dois no vermelho.

Como vocês não querem isso – nem torrar a poupança de uma vida em uma noite só –, precisam ter claro quanto estão dispostos a gastar com a cerimônia. E aqui vai um mito que deve ser derrubado: quanto você gasta no seu casamento não está relacionado ao tamanho do amor que um sente pelo outro nem à duração esperada da relação. Temos uma tendência em achar que, quanto mais caro, melhor. Mas já vimos que não é bem assim...

Existem festas milionárias cujo casamento não dura nem seis meses. E ninguém precisa se casar em um castelo para garantir que será feliz para sempre. Então, assim que vocês eliminarem essa condição de que quanto mais caro, melhor, mais fácil será estabelecer e seguir um orçamento que não destrua a conta bancária de ambos nem os deixe em apuros para pagar as contas (ou segurar a onda com as emergências que sempre surgem).

Sem falar que começar a vida a dois sem um estresse financeiro joga a favor da relação do casal. Segundo levantamento do IBGE, 56% dos casais se divorciam em menos de 15 anos, ou seja, pouco mais da metade dos casamentos não dá certo atualmente. E esteja certa: dinheiro tem tudo a ver com isso. De acordo com uma pesquisa da Universidade de Kansas, nos Estados Unidos, a maioria dos divórcios é motivada por brigas sobre as finanças do casal.

Para começar com o pé direito, nada melhor do que fazer um bom planejamento para a cerimônia e a festa de casamento, que são, geralmente, a primeira oportunidade que o casal tem de lidar com grandes despesas junto.

Se tudo isso parece prático demais e romântico de menos para você, saiba que não precisa ser assim. O importante é manter o objetivo final sempre na mira: um casamento lindo e o início feliz de uma vida a dois. Com preparo e carinho, vocês conseguem montar uma festa linda sem estresse financeiro – nem durante, nem depois.

Pois bem, está pronta para começar? Com o valor definido, você precisa escolher quais são as prioridades para o casal. Tem gente que vai dizer que o vestido é o mais importante e prefere gastar mais com ele e menos com outras coisas. Um casal que gosta muito

de música pode optar por contratar a banda que tocava quando se conheceram e, para isso, ter de economizar com as lembrancinhas. O importante é lembrar que não dá para ter tudo, mas vocês terão o que realmente importa aos dois!

Outra questão a que você precisa prestar muita atenção é a já famosa ancoragem. Lembra-se dela no capítulo 2 ? Pois é, aqui temos um exemplo muito prático de como a ancoragem pode ajudá-la ou atrapalhá-la. Vamos analisar o exemplo do vestido de noiva, um item que pode sair bem caro.

Pois bem, você chega à loja de vestidos, seleciona alguns e vai até o provador. O primeiro que a vendedora traz é, segundo ela, especial e vai deixá-la linda. Você prova, se olha no espelho, e toda aquela emoção vem à tona: você de branco, maravilhosa, pode até se ver no seu grande dia. É só aí que descobre que esse vestido, além de ser o mais bonito, também é o mais caro.

Como você já sabe, a vendedora só fez você provar esse vestido antes para que todos os outros parecessem baratos. Com essa percepção alterada, você pode perder parte do espírito crítico para avaliar o que cabe ou não no seu orçamento. Mas, agora que você já conhece os efeitos da ancoragem, pode se precaver – nesse caso, vendo os preços dos vestidos antes de provar!

Vale ressaltar que existe atualmente uma indústria de casamentos, bem lucrativa, por sinal. Ela se aproveita do fato de esse ser um momento único, em que as noivas, especialmente, ficam muito emocionadas e estão mais sensíveis. Com apelos mil e frases como “você merece” e “vai ficar tão bonito!”, são diversas as tentações para sair do orçamento aqui e ali, nos gastos com flores e com os docinhos.

No entanto, você precisa tomar cuidado. Quando saímos do orçamento em um gasto e depois em outro, corremos o mesmo risco de quando sabotamos a nossa dieta: comemos uma batata frita só para provar e, no final, acabamos com a porção inteira e ainda pedimos um sundae de sobremesa. Ao sair do plano e gastar mais do que previa em diversos fornecedores, você pode acabar entrando no vermelho.

Portanto, evite marcar com os fornecedores antes de ter uma ideia clara do que você quer. Existem milhares de opções (tentadoras!) no mercado, e a indústria pode se aproveitar da sua sensibilidade para apresentar somente as alternativas mais caras.

Para não cair nessa armadilha, você tem uma nova melhor amiga: a internet. Com dezenas (se não centenas) de blogs de casamento no ar, você pode encontrar um que tenha mais a sua cara para pesquisar referências e entender exatamente o que espera que seja o seu casamento. Você pode ver tanto as imagens do que deseja (como na decoração, por exemplo) quanto encontrar todos os fornecedores on-line.

Nos blogs, você também pode trocar ideias com outras noivas e mulheres recém-casadas para descobrir o que funcionou e o que deu errado. Com isso, vai mais segura para a conversa com os fornecedores.

Munida de todas essas informações, é hora de começar a orçar. E aqui começa uma lista que parece infundável de decisões a tomar. Selecionamos os itens mais comuns que uma noiva tem de decidir para o seu grande dia:

Espaço para a cerimônia

Espaço para a festa

Vestido e acessórios

Cabelo e maquiagem

Buquê

Convites

Buffet

Bebidas

Decoração

Foto

Vídeo

DJ e sonorização

Barman

Bolo e doces

Bem-casado

Limpeza

Iluminação

Estacionamento

Parece muito? Mas isso não é nada. Ainda existem itens como lembrancinhas e sandálias de dedo para as convidadas os quais podem trazer muita discussão para o mais calmo dos casais. Mas, quando você sabe exatamente quais itens vai querer priorizar e quais pode passar sem, fica muito mais fácil decidir o que vale e o que não.

Para não ficar aflita, vale lembrar todas as festas de casamento a que você já foi. Você se lembra de todos os detalhes? Da decoração? Das flores? Do sabor dos docinhos? Do tipo de bebida servido? O mais provável é que não. Muitas questões que são discutidas por horas pelos noivos (e pelas suas famílias) passam despercebidas pelos convidados. O que conta é a felicidade do casal, o clima da festa, a animação de todos, o momento especial que todos vivem.

A chave, então, é nunca começar pelo mais caro. No momento de escolher o bem-casado, por exemplo, você vai descobrir que existe uma dúzia de opções para o docinho. É claro que, se você compara todos, lado a lado, o mais caro vai sempre parecer melhor e mais bonito. Mas veja bem: os seus convidados não terão todas as alternativas na mesa, apenas a que você escolheu (a não ser que eles sejam especialistas em bem-casados!).

Então, prove primeiro o mais barato e, se você estiver satisfeita, feche com esse sem nem provar os demais. Pode parecer mesquinho até, mas, se você tiver essa postura com todos os gastos, vai conseguir manter o orçamento sob controle.

Agora é hora de pesquisar preços. Adote como regra ter sempre três orçamentos de cada item, não importa quão caro – ou barato – ele pareça. Quando você sabe o preço médio dos convites, digamos,

fica muito mais fácil negociar, pois já tem uma base de quanto devem custar.

E se você começar a pesquisar e descobrir que os preços variam muito, como é sempre o caso com fotógrafo? Se não conseguiu ter clareza de qual é o preço médio, então saiba que isso acontece em itens nos quais os fornecedores costumam trabalhar com muita margem. Quanto mais os preços variam, mais opções você precisará buscar para decidir – e negociar – direito.

Outra máxima a ser adotada é evitar tomar qualquer decisão por impulso. Pesquise, entenda o preço justo, negocie. Só assim você evita cair em geladas porque simplesmente se apaixonou por um bolo sem compará-lo com outros – às vezes mais baratos e até mais gostosos.

VALE A PENA?

Não existe casamento sem um pouco de ansiedade! Mas essa emoção toda não pode virar fonte de brigas entre você, o noivo e a família. Esse é um momento especial e de celebração.

Nem sempre todos concordam com tudo, e nós sabemos que, quando há dinheiro envolvido, as coisas podem ficar naturalmente mais tensas. Mas não vale a pena brigar, se estressar ou se endividar para fazer o casamento acontecer.

Fique atenta aos momentos em que costumam acontecer as maiores brigas:

- Na montagem da lista – para evitar nervosismo, definam uma meta de convidados para todos seguirem, de preferência logo no início dos preparativos.
- Quando começam a vir todas as cobranças – com tantos fornecedores, contratos e datas, é normal surgir uma tensão. Evite essa situação montando um orçamento detalhado com os itens principais e espaçando as datas de pagamento na sua planilha.

Agora, vamos falar de dois itens que valem uma consideração especial na hora de organizar o seu casamento. Eles são simbólicos e podem ser muito caros, mas, se bem negociados, podem representar uma boa economia: o vestido e a decoração.

O vestido

Ele é importante pela simbologia, por tudo o que representa. Afinal, que menina nunca sonhou com um vestido branco? E a indústria do casamento também sabe disso e joga o preço nas alturas.

Se você pode pagar valores astronômicos por um vestido novo, feito sob medida, com tecidos especiais, e tem esse sonho, vá em frente! Mas se você tem um limite, leve em conta algumas opções:

- Fazer o primeiro aluguel – é uma peça que nunca foi usada e está disponível para alugar. Por não ter sido usada nunca, o custo é maior do que um aluguel tradicional. No entanto, é uma opção mais barata do que a compra de um vestido novo.
- Comprar pela internet – hoje você encontra vestidos lindos vindos da China para comprar on-line. São também mais baratos, mas você precisa ter tempo para esperar o envio. Além disso, deve pesquisar a reputação do vendedor, para evitar uma furada. Chegando aqui, só precisa levar a peça a um costureiro, para fazer os ajustes necessários.
- Importar – muitas noivas se animam a fazer um enxoval em Miami, ao ver que um vestido novo de estilistas famosos pode sair por tão pouco, considerando o preço em dólar. Se você é dessas, só tome um cuidado: na hora de avaliar os custos, não se esqueça de colocar o preço da passagem e do hotel na conta!
- Escolher um vestido branco que não seja de noiva – tem muita menina ligada em moda que sabe que pode encontrar

um vestido branco lindo. Nesse caso, o preço vai cair bastante. Se faz o seu estilo, aproveite para pesquisar!



A decoração

Que orquídeas brancas são lindas e combinam com qualquer casamento, todo mundo sabe. O problema é que elas custam os olhos da cara. Tome muito cuidado na hora de decidir a decoração da sua festa, pois esse item pode sair o mais caro de todos.

Uma sugestão é escolher flores da estação: isso pode ajudar bastante a fechar seu orçamento. Quer mais dicas? Troque as flores por folhagens ou, então, faça uma decoração moderna com galhos. Não somos especialistas no assunto, mas garantimos que, com um pouco de criatividade, dá para conseguir efeitos lindos sem gastar tanto.

Como pagar tudo

Com tantos itens e tantos fornecedores, você precisa se organizar para fazer todos os pagamentos com tranquilidade. Por isso, quanto mais tempo você tiver para organizar o casamento, mais fácil será.

O ideal é que já tenha o dinheiro separado para o casamento quando resolver dar esse passo, mas sabemos que poupar antes da hora é quase impossível.

Se você já está noiva e não tem o dinheiro guardado, o certo é definir um orçamento, o dia do casamento e ver quanto precisarão economizar por mês até a data. Depois disso, organize todos os gastos em uma planilha para saber exatamente quanto vai ter de pagar para quem. O que precisa constar na planilha: valor combinado, forma de pagamento e datas das parcelas.

Com relação às parcelas, tome cuidado: nesse mercado, não é recomendado pagar à vista, pois você corre o risco de pagar antes e não receber depois, no grande dia. Outro problema é que muitas parcelas de muitos fornecedores podem virar um grande enrosco na hora de controlar tudo. Portanto, pense em tudo isso antes.

E não se esqueça: tenha todos os acordos com os fornecedores em contrato por escrito; assim, você e eles estarão protegidos. Organize toda a papelada em uma pasta, guardando todos os contratos, para ter tudo à mão quando esquecer (afinal, não dá para saber tudo de cabeça!).

O casamento é um momento especial na vida de qualquer pessoa; por isso, aproveite ao máximo, mas com consciência financeira!

Dicas da **Carol** e do **Samy**

Para ajudá-la a definir o seu orçamento, estabeleça o número de convidados da festa. A chave é não chutar um número qualquer. Isso é tão importante, que recomendamos que comece a organizar seu casamento pela lista de convidados.

À primeira vista, pode parecer um exagero da nossa parte, pois você só vai usá-la quando mandar os convites, mas não é. Com o número certo de convidados, você consegue escolher o melhor lugar para se casar, quanta comida e bebida encomendar e até a quantidade de docinhos.

E tome cuidado: a lista parece que ganha vida própria e vai crescendo; estabeleça um limite!

NA PRÁTICA

Como são muitos pagamentos e fornecedores, é natural que você se sinta meio perdida na hora de começar a organizar o seu casamento. Para ajudá-la, separamos os gastos principais (aqueles que costumam pesar mais no orçamento) e os urgentes (aqueles cujos fornecedores você deve decidir o quanto antes, por conta da disponibilidade de agenda). Confira.

Principais gastos:

Espaço

Buffet

Decoração

Bebida (dependendo do tipo que vocês pretendem servir)

Gastos urgentes:

Espaço da festa e da cerimônia

Foto e vídeo

DJ

CAPÍTULO 9

Ter filhos

Para muitas mulheres, chega um momento na vida em que o relógio biológico bate e vem aquele desejo: ter um bebê! Parece mais forte do que nós (a autora deste livro não resistiu e já teve um), e, de repente, todo mundo parece que engravida ao mesmo tempo, bebês surgem de todos os lados, e a conversa com as amigas sempre cai nesse assunto.

Ter filhos, assim como se casar, não é uma decisão financeira. No entanto, se não houver planejamento, você pode acabar vivendo uma situação ruim. Muitas vezes, não dá para planejar: quando você vê, lá está o positivo que vai mudar a sua vida para sempre. Mas, em muitos casos, é possível se organizar, sim, para isso.

O que parece pesar mais nesse momento é a carreira. Afinal, como é possível conciliar o trabalho e a vida em família? Como fazer com os horários? E a licença-maternidade? Os desafios são grandes e podem acabar dominando as suas preocupações nessa fase tão rica de emoções.

Outro ponto de atenção é o futuro do relacionamento do casal. Existem pesquisas que indicam que a fase mais complexa de um casamento é o primeiro ano após o nascimento do filho. Entre a falta de descanso, a mudança radical de vida e as novas

responsabilidades, muitos casais sentem o casamento ficar mais difícil nessa fase. No entanto, crescem a cumplicidade e o desejo de cuidar da família. Por isso, a situação não é tão dramática quanto pode parecer.

Com tanto para pensar, planejar e negociar na vida amorosa e profissional, o lado financeiro pode acabar ficando um pouco de lado. Afinal, os gastos são tantos que parece impossível fazer uma estimativa correta de quanto você vai gastar com o bebê. Pois saiba que não é assim: você vai simplesmente ter de pesquisar os gastos esperados para os primeiros anos de vida do seu filho.

Se você conhece todos os custos envolvidos, pode tomar a decisão de engravidar no melhor momento para a sua vida. Dificilmente alguém se arrepende (ou diz que se arrepende) de ter filhos, mas a adaptação da sua vida (e das suas contas) fica mais fácil – até porque ter filhos, principalmente em cidades grandes, é algo bem caro.

Segundo uma pesquisa do Instituto Nacional de Vendas e Trade Marketing (Invent), o filho de uma família de classe A em São Paulo pode custar R\$ 2 milhões do nascimento até os 23 anos; na classe C, esse valor é de aproximadamente R\$ 400 mil. Mas calma! Você não precisa ter esse dinheiro todo guardado de antemão (quem consegue?). Essa referência serve para mostrar que os seus custos fixos sobem bastante quando nasce um bebê.

O ideal é ter uma reserva para o primeiro ano de vida da criança, a fim de que essa fase não venha acompanhada de um estresse financeiro grande. Um exercício que vale muito a pena fazer é pesquisar quais seriam os custos na gravidez e no parto e, posteriormente, o seu custo fixo mensal com a chegada do bebê. Para ajudá-la, citamos abaixo os principais gastos:

Pré-natal

Exames médicos (cobertos ou não pelo plano de saúde, caso você tenha um)

Consultas médicas (idem)
Vitaminas, remédios e cosméticos
Roupas de gestante
Móveis para o quarto do bebê
Enxoval do bebê
Parto e internação

Custo fixo do bebê

Pediatra (ou plano de assistência médica)
Fraldas
Remédios e compras de farmácia
Roupas e acessórios
Brinquedos
Creche ou escolinha
Fórmula e complementos alimentares
Alimentos

Fizemos também uma estimativa de alguns custos em uma cidade grande:

Custo inicial	
Berço completo	R\$ 1.000
Banheira e trocador	R\$ 259
Carrinho e bebê conforto	R\$ 659
Almofada de amamentação	R\$ 79
Babá eletrônica simples	R\$ 100
Enxoval de maternidade	R\$ 500
Total	R\$ 2.597

Custo mensal	
Plano de saúde básico	R\$ 150
Fraldas	R\$ 100
Complemento alimentar e papinha	R\$ 360
Remédios e higiene	R\$ 50
Roupas	R\$ 150
Brinquedos	R\$ 150
Total	R\$ 960

Para o pré-natal, estimamos que esse custo pode sair a partir de R\$ 2.597, sem contar as despesas médicas e de parto, que já estariam incluídas no plano de saúde da mãe. Como custo fixo mensal, nossa estimativa aponta que começaria em R\$ 960, além do valor da creche ou escolinha. Com isso, a reserva inicial para a gravidez e o primeiro ano de vida do bebê seria de R\$ 14.117.

Quanto maior a cidade onde você morar, mais opções terá – e, como você já sabe, maior será a variação de custos. Por isso, pesquise, pesquise mesmo. Se você conseguir fazer um planejamento e começar a poupar um valor mensalmente antes de

engravadar, tudo será mais fácil, e você não terá de enfrentar uma queda abrupta no seu padrão de vida.

Mas quem disse que a vida funciona dessa forma? As melhores coisas da vida são, muitas vezes, inesperadas, e você pode se descobrir grávida de um dia para o outro. E então? E se você começou a ler este livro já grávida e não teve tempo de se preparar antes – como fazer? Antes de tudo, calma. Você não é a exceção: na maioria das vezes, a gravidez pega o casal desprevenido financeiramente.

Em casos como esses, você vai precisar fazer uma boa reorganização financeira. Com a sua pesquisa de preços pronta, vai saber quanto precisa juntar para ter o seu bebê. Agora, seu objetivo vai ser reequilibrar o seu orçamento a fim de conseguir juntar dinheiro para pagar a enxurrada de custos que surgem junto com aquele exame positivo que vai mudar a sua vida.

Além de pesquisar muito bem os preços, você pode usar outras dicas nossas para economizar nesse momento. Assim como no universo do casamento, a maternidade tem uma indústria própria, cheia de itens “indispensáveis” e de lançamentos. Fique atenta ao que você realmente terá de comprar para o seu filho – muitas vezes, você pode acabar levando algo totalmente desnecessário para casa.

Lixeiras que não deixam cheiro no quarto do bebê, aquecedor de lenços umedecidos, cadeirinhas a pilha que balançam o bebê, carrinho que fecha no apertar de um botão: tem de tudo para atraí-la. Algumas mães vão jurar que esses itens salvaram sua vida, mas vá com calma. A probabilidade de você gastar rios de dinheiro com peças que vão logo parar no canto das tralhas é grande.

E tome cuidado: o apelo emocional é enorme. Se você estava emocionada com a organização do seu casamento, imagine como vai se sentir quando for escolher as roupinhas do bebê tomada dos hormônios malucos da gravidez! A tentação de comprar tudo estará lá, pronta para atacá-la, e as marcas sabem disso e parecem fazer um produto mais fofo que o outro de propósito. Por isso, vale a pena ir às compras com uma lista que diga exatamente o que você precisa e as quantidades – e prenda-se a ela na hora de comprar.

Se tiver dificuldade em saber o que precisa de fato, há dezenas de blogs de maternidade que podem ser consultados. O seu médico também pode ser um bom aliado nessas horas. Você ainda pode contar com a sabedoria de todas as suas amigas que já são mães e conhecem as armadilhas de consumo, além, é claro, das avós do bebê, que possuem experiência de sobra.

VALE A PENA?

Na hora de organizar o enxoval, você vai descobrir uma indústria pronta para fazê-la gastar e gastar. Para lidar com todos os impulsos, o melhor é montar uma lista completa com tudo o que você precisará comprar. E, antes de adicionar cada um dos itens na lista, pesquise a sua utilidade. Assim, você foge de algumas armadilhas como:

- *Chupeta com dosador de remédio*
- *Termômetro para banheira*
- *Aquecedor de mamadeira*
- *Tênis de bebê*
- *Esterilizador portátil de chupetas*
- *Capa para amamentação*

Mas podemos dizer o que vale – e muito – a pena: ter filhos. Com todas as mudanças na vida e com toda a responsabilidade, vem o maior prêmio de todos: o maior amor do mundo, o privilégio de gerar uma vida, criar e educar um ser e acompanhar o seu desenvolvimento!

Tem gente, por exemplo, que jura que uma boa poltrona de amamentação é algo essencial. Mas, se você está com um orçamento apertado, ela não é vital e pode sair bem caro. Para

completar, depois que você parar de amamentar, não vai ter uso para aquele trambolho – e aí, o que fazer? Você pode simplesmente escolher uma poltrona da sua casa de que já goste e pegar almofadas para dar mais apoio; pronto, está resolvido.

Além disso, você não precisa comprar tudo novo. Você tem uma amiga ou prima que teve filho recentemente e não sabe mais o que fazer com aquele bebê conforto ou com todas aquelas roupinhas lindas que a criança mal teve tempo de usar antes de crescer voando? Pois bem: você pode ajudá-la a resolver esse problema. Não se iniba em pedir emprestados itens como móveis, roupas e outras peças de enxoval que só estão ocupando espaço na gaveta do quarto do bebê alheio.

Outra dica preciosa é fazer um chá de bebê. Convide todas as suas amigas, prepare alguns comes e bebes simples e faça uma lista dos itens do enxoval que ainda estão faltando. Você vai se divertir, fazer fotos para guardar para o resto da vida e ainda terá uma mãozinha na hora de economizar.

Você também pode fazer um chá de fraldas – só tente antecipar a quantidade de que vai precisar e evite pedir muita fralda RN (para as leigas, recém-nascido). Por sinal, evite gastar muito com qualquer produto RN. Se o seu nenê nascer grandinho, é provável que ele mal use as roupinhas lindas de recém-nascido e vá logo para o tamanho P. Os bebês crescem rapidamente nos primeiros meses, e você vai perder roupa atrás de roupa se ceder a todas as tentações de macacõezinhos!

Para as fraldas, uma opção mais em conta e bem moderna é fazer uma assinatura de fraldas com o Clube da Fralda. Você escolhe o modelo e o tamanho que quer e recebe mensalmente na sua casa – a valores reduzidos, se comparados aos do supermercado ou farmácia. Assim você já sabe quanto vai gastar, consegue economizar no processo, e ninguém precisa sair correndo para comprar fralda no meio da madrugada (erros de cálculo acontecem!).

Com toda a pesquisa feita, você saberá quanto vai gastar com a chegada do bebê e poderá estimar o seu novo custo fixo mensal. É com esse número que vai comparar o seu salário atual e saber

exatamente se dá para ter um filho nesse momento ou se você vai precisar juntar mais um dinheiro antes de “liberar”.

E como saber se você está pronta? Pois bem, a resposta é simples: não dá para saber. Estar pronta envolve várias questões, que vão desde a sua situação no trabalho, o seu relacionamento até as suas finanças. Muitas vezes, a vida nos traz (boas) surpresas para as quais não achávamos estar prontas, mas, na hora H, descobrimos que dá para fazer funcionar.

Você nunca estará totalmente pronta para ter um filho, porém, se você quer engravidar, pode fazer o planejamento adequado e ver com clareza quanto isso vai custar e de onde esse dinheiro pode vir.

Ter um bebê é uma decisão que mudará a sua vida para sempre (em todos os sentidos), e nada pode prepará-la exatamente para o que virá. Você pode ler todos os livros, frequentar cursos de pré-natal, conversar com todas as suas amigas que já são mães. A realidade será totalmente diferente. Mas uma coisa é certa: ela será maravilhosa. Com organização e planejamento financeiro, você pode curtir melhor essa nova fase da vida sem perder mais sono ainda (porque dormir nunca mais será igual ao que era na sua vida antes de ser mãe!).



Dicas da **Carol** e do **Samy**

Tornar-se mãe é uma das principais experiências da vida, e ela pode vir acompanhada de uma mistura enorme de emoções: da felicidade ao medo, da curiosidade à ansiedade. Por isso, aproveite para curtir tudo com a cabeça em paz; afinal, uma das coisas que todos sabem é: mãe tranquila, bebê tranquilo.

Com os hormônios a mil, fica fácil ir da afobação na hora de comprar o que precisa à angústia de ver os gastos se acumulando. Para conquistar a paz de espírito desejada, organize-se previamente. Não deixe a ansiedade dominar tudo, pois ela não vai fazer bem nem para a

sua saúde, nem para a do seu bebê; além disso, também não vai fazer bem para a sua vida financeira!

NA PRÁTICA

Quando você tem um filho, a sua vida vira de cabeça para baixo. Tudo muda: responsabilidades, horários, a relação com o seu marido... As suas finanças não ficam de fora: serão dezenas de gastos novos. Para ajudar, monte uma planilha do bebê, incluindo todos os custos fixos que mencionamos antes. Se você montar essa planilha antes de engravidar, melhor ainda. Você vai conseguir se planejar e entender exatamente quanto esse sonho vai custar.

CAPÍTULO 10

Comprar um carro

Liberdade de ir e vir: esse é o grande benefício de se ter um carro. Você não precisa mais enfrentar o transporte público, economiza tempo e passa a ter autonomia e segurança para ir aonde quiser (até mesmo viajar), a hora que for. Que sonho!

Mas, para que o sonho vire realidade, e não pesadelo, temos algumas considerações a fazer. Carros viraram moda no Brasil, apesar do trânsito crescente nas grandes capitais e de ser um meio de transporte poluente e muito caro. Para se ter uma ideia, se você se desloca menos de 17 quilômetros por dia, compensa mais andar de táxi do que ter um carro. Pode acreditar!

Apesar disso, os carros continuam a ser amados no Brasil pela comodidade e até segurança. Afinal, nenhuma mulher gosta de procurar um táxi à noite, sozinha, esteja onde estiver.

No mundo ideal, se você deseja ou precisa de um carro, teria o dinheiro guardado para poder pagar à vista e sair dirigindo por aí sem preocupação (e sem precisar se endividar). No entanto, sabemos que esse cenário é impossível para muitas pessoas, o que as leva a buscar financiamento. Os juros cobrados nessa modalidade são muito mais baixos que os do cartão de crédito, por exemplo, já

que o risco para os bancos é relativamente baixo. Se você não paga o empréstimo, eles simplesmente pegam o carro de volta.

No entanto, não dá para bobear nessa hora. O maior erro que você pode cometer é olhar apenas o tamanho da parcela: você se esquece de considerar o custo fixo do carro e a taxa de juros cobrada. Ou você achou que era só pagar a parcela e pronto?

Quando você possui um carro, passa a ter de bancar todos os custos envolvidos: estacionamento (que está cada vez mais caro nas grandes cidades), combustível, seguro, IPVA, manutenção (pastilhas, filtros, troca de óleo), licenciamento, DPVAT e a própria depreciação do automóvel. Logo, você precisa calcular qual será o custo fixo do seu novo carro.

Além disso, existe o chamado custo de oportunidade. Isso nada mais é do que o quanto você ganharia caso pegasse o valor do carro (no nosso exemplo, R\$ 30 mil) e o deixasse aplicado em algum investimento.

No nosso cálculo, um automóvel novo dessa faixa tem um custo fixo de R\$ 18 mil por ano – são R\$ 1.500 mensais que você precisa acrescentar no seu orçamento. Esse cálculo inclui as despesas com combustível, seguro, estacionamento, tributos e depreciação. Portanto, no momento de tomar uma decisão como essa, você precisa avaliar todos esses fatores.

VALE A PENA?

Muita gente sonha em ter um carro e vê isso como um investimento para a vida. Apesar de o desejo ser mais do que legítimo, ver um automóvel como investimento é só uma racionalização, uma forma de você se justificar. Por definição, um investimento é aquilo que traz retorno financeiro, e um carro só traz custos e depreciação. Um carro só é um investimento se você for taxista ou dona de empresa de transporte. Na maioria dos casos, um carro é só uma forma de se locomover – um meio de transporte prático, porém caro, e bonito, apesar de poluente.

Em muitos casos, ter um carro não compensa. Mas, se esse é o seu desejo, pé no acelerador!

Se você realmente está pronta para comprar um carro, terá mais decisões a tomar além do modelo e da cor. Um automóvel que consome muita gasolina pode ser mais barato, mas os custos de manutenção são bem maiores no longo prazo. Se você não é daquelas que amam falar de carro e ler tudo sobre o assunto, pode dar certa preguiça, mas nessa hora vai ter de estudar, comparar modelos e fazer uma boa pesquisa para entender qual é o melhor carro para você.

Com o custo fixo total do carro calculado e o modelo escolhido, é hora de pensar na melhor forma de pagar o veículo. Se o financiamento for a saída para ter um carro novinho na garagem, você terá de considerar alguns pontos.

Para entender os juros cobrados, você precisa avaliar – e comparar – o Custo Efetivo Total (CET) do financiamento. Com o CET, você consegue ver quanto custa exatamente o financiamento, além da taxa de juros. O CET é indicado em uma porcentagem, mas, além da taxa de juros, inclui todas as tarifas, tributos, seguros e outras despesas, como o Imposto sobre Operações de Crédito, Câmbio e Seguros (IOF) e a taxa de cadastro.

A melhor forma de saber o tamanho dos juros é dar a entender, no início da compra, que você poderia pagar à vista, mesmo que não tenha dinheiro suficiente. O vendedor vai dar um desconto; esse é o valor real da venda do automóvel. A diferença de preços é a cobrança de juros para financiar a venda. E lembre-se: quanto maior a entrada que você conseguir dar, maior o desconto potencial. Por isso, é hora de arregañar as mangas e barganhar.

É importante destacar que juros são uma combinação de taxas com prazo. Se a taxa for pequena mas o prazo grande, o volume total de juros pagos fica muito alto. Você precisa tomar cuidado com prazos de financiamento, pois eles podem ser maiores do que o

próprio tempo que você pretende ficar com o carro – e ninguém quer ficar com um saldo devedor de um bem que não usa mais!

De olho em tudo isso, você deve procurar a melhor combinação de juros e prazo quando for comprar o seu veículo. Você define o modelo que quer comprar, escolhe a cor, acessórios, tudo bonitinho, e parte para a negociação.

Muitas pessoas cometem nessa hora um erro clássico de só pegar ofertas de financiamento no banco em que possuem conta-corrente e na montadora. Como já explicamos no capítulo 2, negociar é tudo na vida, e aqui não é exceção. Longe disso! Você vai ter de negociar o preço do carro em si e o financiamento.

Para ajudar, você pode consultar o site do Banco Central, no qual encontra uma tabela semanal com todas as taxas de juros cobradas nessa modalidade. Assim, você consegue comparar tanto entre vários bancos, para saber qual tem a melhor oferta, quanto com a proposta que o seu gerente lhe passou e ver se ela está dentro ou fora da média. É importante destacar que essa é apenas uma média, pois o carro pode ser novo ou usado, e o cliente pode ter perfis diferentes (está empregado ou não, tem histórico ruim de crédito etc.).

Carro usado vale a pena?

Com a crise de 2008, uma das medidas que o governo tomou para ajudar a economia foi estimular a venda de automóveis, por meio da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). Isso facilitou a compra de um carro novo, mas complicou a vida dos donos de carro. Como assim?

Nesse ambiente de estímulo econômico, quem já tinha um automóvel viu que a desvalorização ficou cada vez maior e quem negociava um veículo novo teria de encarar uma perda expressiva logo no primeiro ano – em média 20%, segundo estimativas.

A boa notícia ficou para os compradores de carros usados. Se você topa comprar um usado e conseguir encontrar um automóvel com dois anos de uso, é possível que faça um bom negócio. Nesse

caso, o carro já teve a sua principal desvalorização, porém ainda está relativamente novo, e muitos carros saem hoje da fábrica com até cinco anos de garantia – ou seja, você ainda tem três anos pela frente e pode comprar um bem muito mais barato.

Entretanto, as taxas de juros cobradas na compra de um carro novo são menores do que as cobradas na compra de usados, já que o bem pode ser facilmente tomado pelo banco credor e as montadoras podem ter subsídio. Por isso, tome cuidado quando comprar um carro usado: pode ser um bom negócio, mas você precisa pesquisar bastante e entender bem do mercado para ter certeza de que não entrou em uma furada.

Dicas da **Carol** e do **Samy**

Se você já tem um carro financiado, pode acabar descobrindo que as taxas de juros estão menores do que quando comprou o seu veículo. Nessas horas, não vale chorar sobre o leite derramado, certo? Errado!

Assim como em outras modalidades de crédito, na previdência privada e até nas contas do celular, você pode fazer a portabilidade do seu financiamento. Se você comprar um carro e descobrir que as taxas caíram, nada a impede de procurar outro banco com taxas melhores e fazer a portabilidade. Por isso, fique ligada!

NA PRÁTICA

Se você se animou para comprar um carro, já percebeu que vai ter de estudar diversos pontos para tomar uma boa decisão. Confira este pequeno guia para ajudá-la nessa hora:

- Pesquise os diversos modelos.
- Entenda itens como custo de manutenção, prazo da garantia e consumo de gasolina.

- Pesquise os preços cobrados.
- Pesquise as taxas de juros.
- Faça uma comparação entre carros novos e usados.
- Defina o melhor prazo para o financiamento.

CAPÍTULO 11

Comprar uma casa

Um teto, uma casa, um lar: quem não tem o sonho de ter o seu próprio imóvel? Para muitos, a casa própria dá a impressão de que, aconteça o que acontecer, a moradia está lá – e é sua. É o lugar para construir uma família. Com todos esses significados, não é à toa que ser dono da sua casa é o grande sonho dos brasileiros.

No entanto, é também um dos sonhos que ficam por último, por conta da questão financeira. Comprar um imóvel está cada dia mais difícil no Brasil, e são poucos os que têm condições de fazê-lo. Não surpreende que 80% a 90% das vendas sejam financiadas com um prazo médio de 28 anos.

O problema é que, durante o período do financiamento, ao contrário do que tanta gente pensa, o imóvel não é seu, mas do banco. Duvida? Então, pare de pagar as parcelas para ver o que acontece: você perde a casa rapidinho. Ela só passa a ser sua quando você termina de pagar. Aí, sim, você é uma proprietária!

Aqui é preciso refletir sobre o tamanho desse prazo. Veja bem: é um comprometimento enorme, pois, faça chuva, faça sol, você terá uma dívida a pagar pelos próximos 28 anos! É importante destacar que a maioria dos casamentos no Brasil não dura tanto tempo.

Como vimos no capítulo 8 , aproximadamente metade dos casais se divorcia antes de completar quinze anos de união.

Por isso, antes de resolver assinar o contrato, você precisa refletir bem se está pronta para esse compromisso com a casa própria. É claro que ninguém se casa pensando em se separar, mas você deve avaliar a sua própria capacidade de pagar tudo no decorrer de tanto tempo.

E não basta avaliar o valor do imóvel em si: na hora da compra, você vai descobrir uma série de outros custos. São taxas de transferência, certidões e assim por diante – e ainda pode haver despesas com corretor e advogado. Se, por um lado, você estiver comprando um apartamento novo, deve estimar o custo para deixá-lo com a sua cara.

Hoje em dia, a maioria dos imóveis novos vem no contrapiso, e o novo proprietário é quem deve arcar com os acabamentos, a parte mais cara de uma reforma. Se, por outro lado, for um imóvel antigo, a chance de você querer (ou precisar) fazer uma reforma é grande. E ainda há os gastos com móveis... Você precisa estimar todas essas despesas antes de tomar a sua decisão.

Com tudo isso, pode ser feita a pergunta: vale mais a pena comprar ou alugar? Para tirar a dúvida, você precisa saber quanto o valor do imóvel renderia se estivesse aplicado no banco. Vamos pensar em um apartamento de R\$ 400 mil: se você tivesse esse dinheiro todo em mãos e o deixasse no banco, ele renderia R\$ 2.800 ao mês (0,7% líquido, após impostos). A pergunta que você deve se fazer é a seguinte: com esses R\$ 2.800 mensais, eu conseguiria encontrar um apartamento mais bacana para alugar?

Se a resposta for *sim* , o imóvel que você quer comprar provavelmente não compensa, pois o valor que você economiza com aluguel é menor do que a rentabilidade que você teria se deixasse o valor total do imóvel investido no banco.

Agora, em um cenário mais real, se você não tem o dinheiro para pagar o imóvel do seu próprio bolso e vai precisar de um financiamento, a taxa de juros que pagará no empréstimo será maior do que aquele 0,7%. Atualmente, os juros para crédito imobiliário estão na casa de 1% ao mês – o que representa, no

nosso exemplo, R\$ 4 mil mensais. Será que, neste caso, você consegue encontrar um imóvel para alugar mais bacana do que aquele que quer comprar?

Parece chato e complicado fazer essas comparações, mas elas são essenciais para ajudá-la a avaliar se a decisão de comprar a sua casa faz sentido financeiramente. Nós sabemos que a questão financeira é relevante, mas não é a única que vai pesar nessa hora. Por isso, você precisa ficar de olho em todas as justificativas que pode se dar para se convencer de que a compra é um bom negócio.

A maior de todas as tentativas de racionalizar a compra de um imóvel é a de que ele é um investimento – com ganho certo e infinito, sempre acima da inflação. Isso é o que qualquer corretor ou construtora vai tentar dizer a você. Afinal, uma casa é feita de tijolo e cimento e sempre estará lá, ao contrário de algumas aplicações financeiras. Ela tem valor em si, certo? Mas isso não significa que sempre valerá mais do que quando você a comprou.

Imagine dois apartamentos, ambos de mesma metragem e com a mesma planta, situados na mesma rua, um de frente para o outro. A única diferença é que um prédio é novo e o outro tem mais de 30 anos. Qual você acha que vale mais? O novo, é claro. Quem comprou o antigo pode até ter uma valorização diante do valor da compra, mas não chegará ao preço de um imóvel novo.

Logo, cuidado redobrado. Um imóvel é um investimento se você não vai morar lá e pretende ganhar a renda de um aluguel ou tentar revender depois. A casa onde você vai morar não é um investimento: você a escolhe pelo que faz mais sentido para você e sua família, na localização certa para vocês, fatores que podem não ser os mais procurados pelo mercado imobiliário.

E, ainda assim, o mercado muda no decorrer do tempo: se surge uma estação de metrô perto da sua casa, esta vai se valorizar. Mas e se o que vem é um viaduto barulhento? Fatores como esse podem, sim, desvalorizar um imóvel – o que acaba com o mito de que ele não se desvaloriza.

Se ainda assim você quer comprar a sua casa, deve tomar alguns cuidados na hora de negociar e fechar a compra.

VALE A PENA?

Antigamente, quando a inflação era alta e a moeda do Brasil mudava de tempos em tempos, imóveis eram considerados um bom investimento. Assim como o ouro e o mercado de arte, eram uma forma de a pessoa conservar o valor de um bem, em um momento em que ninguém queria correr muito risco.

No entanto, com a estabilidade econômica do país, o cenário é outro. Quem investe atualmente em imóveis no Brasil consegue um retorno máximo de 0,5% ao mês – um desempenho pior do que a poupança e abaixo da inflação.

Apesar de tudo isso, sabemos que a compra de uma casa não é uma decisão apenas financeira. O momento da vida, da carreira e do relacionamento pode ter uma influência ainda maior, e a questão financeira torna-se a maneira de viabilizar o seu sonho. Por isso, não deixe de avaliar todos os fatores que citamos para escolher o melhor jeito de comprar a sua casa!

O primeiro deles é não confundir o preço anunciado com o preço fechado – nem se deixar influenciar por eles. Os preços anunciados dos imóveis podem subir simplesmente para oferecer um “bom desconto” para você fechar logo. Assim, você acha que negociou bem e pode ficar com uma falsa sensação de que é um bom negócio (é como aquela venda de bijuterias do capítulo 2).

Como se trata de uma compra grande, você precisa se sentir segura de que está dando o passo certo. E a pior pessoa para perguntar se a compra vale a pena ou se foi bem negociada é o corretor do imóvel: ele tem interesse em vender, e, quanto maior o valor da venda, maior será a comissão.

Por isso, é essencial pesquisar bem os valores dos imóveis da redondeza, entender o preço justo do metro quadrado na região onde você quer comprar e por quanto foram feitos os últimos negócios no prédio em que pretende adquirir o imóvel – se esse for

o caso. É com base nessas informações que você vai conseguir saber se o tal desconto foi bom mesmo ou se você está ainda no meio da negociação.

Outro cuidado que você deve ter ao lidar com o corretor: ele é um profissional que vive disso. É ingenuidade achar que você vai ter vantagem sobre ele, se nunca negociou um imóvel na vida. Ele não vai fechar uma venda que dê prejuízo! Neste mercado, não existe galinha morta ou ganho fácil, e, quanto mais eficiente for a força de venda, menor a chance de você encontrar um investimento real.

Fique atenta ainda à estratégia de vendas usada pela construtora. Muitas vezes, o imóvel é anunciado como 100% vendido, mas ainda há corretores de plantão. Como assim? Nesse caso, a construtora opta por segurar as vendas das unidades, para não ter de diminuir o preço.

Quando começar a negociar a compra, você deve buscar saber qual seria o valor para fechar a compra à vista, mesmo que não tenha condições de fazê-lo. Assim, você começa a entender os juros embutidos na compra a prazo. (Aqui vale o mesmo que falamos sobre o carro, os juros são uma combinação de juros com prazo; então, quanto maior for o prazo, maior será a incidência de juros.)

Feito isso, é hora de escolher a tabela do financiamento, que nada mais é do que a forma de amortizar o contrato do financiamento. Você tem duas opções: a tabela Price, na qual as prestações são fixas, e o Sistema de Amortização Constante (SAC), em que o principal da dívida é reduzido no decorrer do tempo, de maneira constante (nesse caso, as primeiras parcelas são maiores, mas elas diminuem no decorrer do prazo). Se você tem os recursos para pagar as parcelas, o mais indicado é optar pelo SAC.

Mas saiba que, se você fez um financiamento e descobriu que as taxas de juros caíram, assim como no caso da compra de um automóvel, nada a impede de fazer a portabilidade do seu crédito, de forma a buscar taxas mais baixas.

E, para finalizar, um alerta: antes de sair buscando a sua casa dos sonhos, lembre-se de que a compra de um imóvel é, no geral, algo para a vida toda. Se você é jovem e solteira, o que busca em uma casa agora pode ser diferente do que precisará quando for

casada e tiver filhos. É difícil colocar todos os fatores na balança sem ter uma visão completa do futuro, mas procure pensar no longo prazo ao escolher o seu novo lar!

Dicas da
Carol e do Samy

Muita gente se apaixona pela ideia de morar em um prédio que tenha uma boa área de lazer, com piscina e academia. No entanto, tome cuidado: esses benefícios podem encarecer bastante o valor do condomínio e, muitas vezes, não são usados – seja porque você nunca se anima a descer de biquíni, seja porque a academia está sempre lotada quando você quer malhar.

No caso da academia, se um prédio tem 40 unidades, mas apenas três esteiras, não tem como funcionar, pois, nos horários de pico, você nunca vai encontrar um aparelho sobrando. Se você trabalha em um emprego tradicional com horários comerciais, a academia de prédio simplesmente não funciona para você!

NA PRÁTICA

O valor do imóvel é sempre tão alto que nos esquecemos de ver os demais custos envolvidos na sua compra. Além da parcela do financiamento, você deve sempre se lembrar de calcular os custos fixos totais, incluindo o condomínio e o IPTU. Somente assim você consegue saber exatamente qual será a sua despesa mensal com a compra da sua casa nova.



- 1 Taxa com base no rendimento dos títulos do tesouro NTN-B, que pagam juros superiores à taxa de inflação, descontados os custos e o imposto de renda em 19 de dezembro de 2014.

- 1 Saiba mais em: MALHOTRA, Deepak; BAZERMAN, Max. *O gênio da negociação* . Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

- 1 Com a taxa Selic a 12,5% ao ano.
- 2 Com a taxa Selic a 12,5% ao ano.
- 3 Com a taxa Selic a 12,5% ao ano.
- 4 Premissas: poupança de 7% ao ano.

CDB pagando 92% do CDI. LCI/LCA pagando 82% do CDI. Tesouro Direto pagando Selic a 12,5% (LFT).

Fundos com rentabilidade nominal de 95% antes da taxa de administração de 2%.

Fundos de previdência pagando 95% do CDI antes da taxa de administração e 3% de taxa de carregamento.

Com a taxa Selic a 12,5%.

- 1 Estimativa realizada com base em lista de compras padrão, que considera outros produtos além dos itens de primeira necessidade (cesta básica).